

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA

Walter Julius Hochheim

Concepções educacionais de Martin Lutero e Erasmo de Rotterdam.

Florianópolis

2019

Walter Julius Hochheim

Concepções educacionais de Martim Lutero e Erasmo de Rotterdam.

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para obtenção do título de Bacharel/Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. João Klug

Florianópolis

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Hochheim, Walter Julius
Concepções educacionais de Martim Lutero e Erasmo de
Roterdam. / Walter Julius Hochheim ; orientador, João
Klug, 2020.
81 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em História,
Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. História. 2. História. 3. Educação. 4. Martim Lutero.
5. Erasmo de Roterdam. I. Klug, João . II. Universidade
Federal de Santa Catarina. Graduação em História. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
ATA DE DEFESA DE TCC

Aos dezesseis dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, às dezesseis horas e trinta minutos, na sala 10 do Departamento de História, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelos seguintes membros, Prof. João Klug (Orientador e Presidente); Prof. Rodrigo Bonaldo (Titular); Prof. Peter Mainka (Suplente), designados pela Portaria Tcc nº92 /HST/CFH/2019, a fim de argüirem sobre o Trabalho de Conclusão de Curso do(a) acadêmico(a) Walter Julius Hochheim, intitulado: "Concepções educacionais de Martim Lutero e Erasmo de Roterdam". Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido(a) pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas, pelos membros da banca as seguintes notas: Prof. João Klug, nota 9,0, Prof. Rodrigo Bonaldo, nota 9,0, Prof. Peter Mainka, nota _____, sendo o(a) acadêmico(a) aprovado(a) com a nota final 9,0. O acadêmico deverá entregar na Coordenadoria do Curso de Graduação em História em versão digital, o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, até o dia 20 de fevereiro de 2020. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo candidato.

Florianópolis, 16 de dezembro de 2019.

Prof. João Klug (Orientador): 

Prof. Rodrigo Bonaldo (Titular): RODRIGO BONALDO BONALDO

Prof. Peter Mainka (Suplente):

Walter Julius Hochheim (Candidato): 



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o
acadêmico(a) Walter Julius Hochheim, matrícula
n.º 16101538, entregou a versão final de seu TCC cujo título é
Concepções educacionais de M. Lutero e Erasmo de Roterdã,
com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 14 de fevereiro de 2020

Orientador(a)

AGRADECIMENTOS

Agradeço e dedico este trabalho a todos que foram importantes em minha vida:

primeiramente a Deus, que tudo tornou possível,

a minha família, que me deu todo o apoio e ajuda necessários,

e a meus amigos, que são como uma segunda família.

“Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”

(A BÍBLIA, 1976, João 8: 32)

RESUMO

Ao longo da história, a humanidade refletiu de formas diferentes sobre a educação. Diversos pensamentos diferentes sobre este tema foram tecidos, cada um influenciado pelo tempo histórico em que surgiram. Neste assunto, Martim Lutero e Erasmo de Roterdã são intelectuais que realizaram reflexões e escreveram textos que prescrevem quais meios devem ser traçados para alcançar o fim, que é a boa educação dos alunos. Para melhor entender o Humanismo e o Renascimento, porém, é necessário estudar os processos que ocorriam antes destes dois movimentos. Assim, o autor disserta sobre a Idade Média em geral e a educação que era praticada nesta época. Depois, ele entra no tema dos dois movimentos para contextualizar e explicar os processos históricos que existiam durante a vida de Lutero e Erasmo. Então, ele entra na vida e na obra de ambos, pontuando e realçando as diferenças entre eles, no último capítulo do trabalho. Também são notadas permanências e influências que os dois intelectuais tiveram sobre o nosso tempo histórico presente. O presente trabalho planeja estudar as convergências e divergências de ambos, relacionando-as com o tempo histórico em que ambos viveram e com suas concepções religiosas.

Palavras-chave: Humanismo. Renascimento. Martim Lutero. Erasmo de Roterdã. Educação.

ABSTRACT

Throughout history, humanity has thought in different ways on education. Several different conceptions on this topic were considered, each influenced by the historical time in which they arose. On this subject, Martin Luther and Erasmus of Rotterdam are intellectuals who have reflected and written texts that prescribe which means must be traced and which end should be obtained, that is the good education of the students. To better understand Humanism and the Renaissance, however, it is necessary to study the processes that occurred before these two movements. Thus, the author talks about the Middle Ages in general and the education that was practiced at this time. Then he goes into the theme of the two movements itself to contextualize and explain the historical processes that existed during the life of Luther and Erasmus. After that, the author examines into their lives and their work, punctuating and stressing the differences between them in the last chapter of the work. It is also noted permanences and influences that the two intellectuals had on our present historical time. The present work intends to study the convergences and divergences of both, relating them to the historical time in which both lived and their religious conceptions.

Keywords: Humanism; Renaissance; Martin Luther; Erasmus of Rotterdam; Education.

SUMÁRIO

Introdução	11
1. O Humanismo e o Renascimento.....	15
1.1 Desmistificando a Idade Média.....	15
1.2 O que foram o Renascimento e o Humanismo?	21
1.3 As pedagogias da Idade Média	29
2. O Mundo de Lutero	36
2.1 Lutero – um monge amedrontado.....	36
2.2 A Reforma Luterana – surgimento e eclosão.....	38
2.3 A pedagogia luterana.....	49
3. Erasmo de Roterdam	55
3.1 O “Príncipe dos humanistas”	55
3.2 A Pedagogia Erasmiana.....	57
4. Erasmo x Lutero: o embate que sedimentou o mundo	66
Considerações finais	76
Referências bibliográficas	79

Introdução

O objeto de estudo neste trabalho já foi alvo de várias análises e intelectuais. Ao contrário do que parecer possa, porém, conteúdos muito estudados são, frequentemente, os que mais a se conhecer há. Porque ninguém estuda aquilo que já se sabe e conhece; a análise histórica serve para, entre outros motivos, esmiuçar as questões da história humana, desmistificando erros e aproximando-se da verdade. Pode-se dizer que a análise histórica é fruto do casamento entre o desconhecimento e a sede de verdade. No entanto, deve-se cuidar para não cair num ponto de vista positivista, em que há somente uma verdade absoluta, reconhecível através do afastamento do observador em relação ao objeto cientificamente estudado. O uso do termo “verdade” pode ser definido como o faz Adam Schaff: “Quanto à expressão ‘juízo verdadeiro’, adotamos a definição clássica da verdade: é verdadeiro um juízo do qual se pode dizer que o que ele enuncia é na realidade tal como o enuncia.” (SCHAFF, 1995, p. 92)

Alguns dos conceitos que serão analisados no decorrer das próximas páginas encaixam-se nessa definição. A Idade Média e a transição para a Idade Moderna (seguindo a divisão historiográfica tradicional) estão imbuídas de sentidos comuns, presentes também na cultura popular, que muitas vezes não traduzem a realidade factual. Dessa maneira, estudar este período serve também para corrigir estes erros e enganos que persistem em nossa cultura.

O foco principal do trabalho é entender de que maneira duas pessoas que viveram em tempos e locais semelhantes, como Erasmo de Roterdã e Martinho Lutero, podem, ao mesmo tempo, divergir e convergir em aspectos distintos. Teologia, educação, política, sociedade: em todas essas áreas de conhecimento houve uma aproximação ou separação entre os dois estudiosos, por vezes explosiva. Com o passar do tempo e da leitura das obras aqui referenciadas, o autor percebeu que, por trás dessa questão aparentemente banal, singela e pontual, é possível entender o pano de fundo sob o qual a sociedade europeia (e, conseqüentemente, grande parte da brasileira, pois fomos colonizados por europeu) desenvolveu-se. Por conta da genialidade de ambos autores, as questões que são envolvidas pela relação conflituosa e harmoniosa de Lutero e Erasmo transbordaram os limites do tempo e espaço e estão presentes até os dias atuais. No entanto,

também não é possível esquecer completamente do contexto em que ambos viveram, pois “arriscar-nos-íamos a construir uma figura que não seria nada além de nossas próprias concepções como seres humano do século XX.”¹ (LIENHARD, 1998, p. 17) Não obstante, o período em que ambos viveram marca a principal ruptura dentro da cristandade europeia medieval, que terá influência sobre outras futuras divisões que ainda viriam. De acordo com (DAWSON, 2014, p. 47 e 48):

Apesar do cisma [...] ser exaustivamente estudado por ambos os grupos de historiadores, [políticos e eclesiásticos] nenhum deles prestou muita atenção ao desenvolvimento gradual das novas formas de cultura religiosa que substituíram a antiga cultura comum da cristandade medieval. No entanto, ninguém pode negar-lhes importância, pois tiveram um efeito considerável não só na evolução da literatura, da música e da arte, mas também na estrutura da vida social, como vemos de maneira bastante surpreendente nos contrastes do progresso social dos dois Estados Unidos, o Norte protestante inglês e o Sul católico espanhol. (DAWSON, 2014, p. 47)

O leitor talvez note, ao longo do trabalho, uma contradição. Criticar-se-á os conceitos de “Idade Média”, “Idade das Trevas”, “Renascimento”, entre outros; porém os mesmos não deixarão de ser usados. Sua utilização aqui se dá para facilitar a localização no espaço e no tempo históricos, pois estes conceitos já estão extremamente sedimentados, ainda que criticados, na historiografia e na mente das pessoas. Outro motivo é pela clara limitação intelectual do autor, que não poderia, de jeito nenhum, realizar um feito que nem mesmo grandes historiadores como Jean Delumeau conseguiram:

Com que outro vocábulo designaríamos essa grande evolução que levou os nossos antepassados a mais ciência, mais conhecimentos, maior domínio do mundo natural, maior amor pela beleza? Na falta de melhor, conservei, portanto, ao longo de todo este trabalho, a palavra consagrada pelo uso. Mas fique entendido: esta palavra já não pode ter o sentido original. No âmbito de uma História total, significa (e não pode significar outra coisa) a *promoção do Ocidente numa época em que a civilização da Europa ultrapassou, de modo decisivo, as civilizações que lhe eram paralelas*. (DELUMEAU, 1994, p. 20)²

O cristianismo, durante a Idade Média, foi responsável pela unidade de cosmovisão europeia. De Portugal à Rússia, da Itália ao extremo-norte nórdico:

¹ E, por que não, do século XXI.

² Delumeau refere-se diretamente ao conceito de “Renascimento”; porém, não há motivo para não ultrapassarmos a fronteira por ele delimitada e utilizar a mesma explicação para outros conceitos já citados. Grafia em itálico seguindo o original.

todos os povos, em maior ou menor proporção, acreditavam num Deus Todo-poderoso criador do universo. No entanto, essa unidade era extremamente frágil e, em certo ponto, até mesmo enganadora. A cristianização do norte da Europa, principalmente, ocorreu de modo diferente do que houve com o Império Romano. No Império, primeiramente as classes mais baixas cristianizaram-se e, então, as classes dominantes passaram pelo mesmo processo. (STARK, 2011, p. 78) Com uma base sólida no Sul da Europa, o cristianismo então passou a usufruir de grandes poderes políticos, econômicos e tecnológicos. A expansão do cristianismo para além das fronteiras do Império Romano deu-se, em grande parte, através de pressões e acordos políticos com a alta classe que dominava os territórios setentrionais. No entanto, o cristianismo não conseguiu penetrar nas profundas camadas cotidianas das pessoas “simples” que habitava essas regiões. Era um cristianismo nominal. Essa diferença foi ingrediente necessário para os acontecimentos da Reforma Protestante, que serviu também para rejuvenescer o cristianismo. Ela tornou-o mais palpável e próximo aos leigos, que não tinham condições de dedicar anos de suas vidas ao estudo da tradição católica e do idioma latino. (DELUMEAU, 1994, p. 24)

Como descendente de alemães e nascido em família luterana, o tema é naturalmente relevante para mim. Além disso, os recém-completos 500 anos da Reforma Protestante aumentaram o interesse de modo geral sobre a figura de Martinho Lutero. Algumas perguntas foram fundamentais para a escolha deste tema: por que, mais de 500 anos após seu nascimento, devemos ainda estudá-lo? De que forma ele influenciou o mundo em que vivemos hoje? Após pesquisar mais sobre esta figura histórica, deparei-me com Erasmo de Roterdã, famoso humanista que olhou para Lutero ora com harmonia, ora com desarmonia. Devido a este relacionamento conturbado entre eles, surgiu a curiosidade de saber em quais pontos ocorreu este afastamento. É fato que a ruptura foi devido a argumentos teológicos; no entanto, como não possuo o estudo adequado para dissertar sobre as discordâncias neste campo, virei-me para a educação. Este assunto foi amplamente trabalhado por ambos, o que se traduz na abundância de fontes. O período histórico de ambos também foi importante para esta temática, uma vez que o Humanismo e o Renascimento estão intimamente ligados com a educação, como há de se ver mais nas páginas seguintes. O abandono da Escolástica e a adoção de novos métodos pedagógicos ocorrem justamente no alvorecer destes movimentos, que tanto

influenciaram quanto foram influenciados pelos dois intelectuais. Por fim, é possível identificar permanências do trabalho e da figura de ambos mesmo em nossos dias atuais, já distantes 500 anos de sua época. Se isto é um fato, é porque eles foram fundamentais para a constituição de nossa própria sociedade e, ao estudá-los, estamos pesquisando a nós mesmos.

1. O Humanismo e o Renascimento

1.1 Desmistificando a Idade Média

A Idade Média é *pop*. Além de popular, ela também é possivelmente o período histórico que mais suscita paixões. O senso comum, sustentado por representações artísticas muitas vezes duvidosas, tende a pensar que os quase 1000 anos dessa era foram estáticos, sem trocas comerciais, culturais ou políticas e envolvidos em misticismo e superstições. Essa pecha não é novidade. O termo “Idade das Trevas” (*Dark Ages*) foi cunhado pelo historiógrafo inglês William Robertson no século XVIII. Para ele, a Idade das Trevas se caracterizou como um período em que a “Razão” e as “boas letras clássicas” não iluminaram o mundo. Em oposição, no século XVIII, viveria-se o Iluminismo, uma era baseada na razão e no progresso. (CARPEAUX, 2008, p. 273). Petrarca, italiano humanista que viveu no século XIV, foi um dos primeiros a chamar o “período entre a queda do Império Romano e sua própria era um tempo de ‘escuridão’”. (STARK, 2011, p. 202) Esse pensamento, típico do anti-cristianismo, repete-se ao longo dos séculos, reaparecendo em Voltaire, Rousseau, Edward Gibbon, Bertrand Russell e Anne Fremantle. Todos esses autores, alguns de enorme importância histórica, repetiram a ideia de que a Idade Média foi um período de ignorância. (STARK, 2011, p. 202) Surge então o nome “Renascimento”, que simboliza o abandonar de um pensamento místico e a entrada numa era de ciência e progresso. Porém, o nome desse conceito histórico mais atrapalha do que ajuda, a exemplo do que ocorre com o uso corriqueiro de “Idade Média”. Seus nomes induzem preconceitos e erros, como já foi dito anteriormente. (DELUMEAU, 1994, p. 19)

Parte dessa noção de atraso da Idade Média é fruto de uma romantização do período romano, que é visto por muitos como perfeito e um modelo no qual devemos nos espelhar até hoje. Na verdade, ainda que o Império Romano fosse imensamente rico e poderoso, as pessoas dentro dele não o eram. Pesados impostos para sustentar a máquina de guerra romana, monumentos grandiosos e festas luxuosas para a classe dominante tornavam a vida “comum” difícil e penosa. Mesmo as inovações tecnológicas, que até hoje surpreendem turistas, começaram a estagnar. O famoso engenheiro romano Sextus Julius Frontinus (40 – 103 d.C.) notou que:

“invenções já alcançaram seu limite há tempos, e eu não vejo esperanças em novos avanços” (STARK, 2011, p. 203 e 204). Por outro lado, durante a “Idade das Trevas”, houve avanços tecnológicos notáveis, como a construção de milhares de moinhos de vento e água em toda a Europa; construção de diversas represas, inclusive de grande porte como a de Toulouse, construída em 1120; pontes como a sobre o Rio Shannon, na Irlanda, com cerca de 500 pés de extensão; revoluções tecnológicas na agricultura como a rotatividade de culturas plantadas; criação das chaminés, que tornou a vida doméstica mais saudável, atrativa e segura; invenção dos óculos por volta de 1280; surgimento de armaduras e armas de guerras mais eficientes, que garantiu predominância militar de quem detinha a tecnologia; entre outros. (STARK, 2011, p. 206).

Olhando pelo lado social, a sociedade romana era extremamente escravocrata e uma parte considerável da população não detinha direitos políticos. Na Idade Média, a escravidão ocorria em número relativamente diminuto e, de modo geral, as pessoas não estavam presas ao seu dono. (STARK, 2011, p. 205 – 207) É claro que a servidão não era só flores e que o sistema e as classes dominantes exploravam os mais pobres; no entanto, pelo menos eles não eram mais escravos. Jean Delumeau também critica a falta de atenção dada aos avanços, sobretudo tecnológicos, que ocorreram durante a Idade Média, séculos antes do Renascimento supostamente surgir:

Pois o regresso à Antiguidade em nada influiu na invenção da imprensa ou do relógio mecânico, nem no aperfeiçoamento da artilharia, nem no estabelecimento da contabilidade por partidas dobradas, nem no da letra de câmbio ou das feiras bancárias. (DELUMEAU, 1994, p. 19)

Vê-se, então, que, na verdade, o Renascimento não foi uma ruptura com os séculos sombrios anteriores, mas sim, uma continuação do desenvolvimento que já havia. A civilização renascentista conseguiu misturar feitos técnicos, tecnológicos e espirituais. Ela desenvolveu exemplarmente a pintura, música e a literatura, tanto com o aprimoramento de idiomas nacionais quanto com a proliferação do uso da imprensa de tipos móveis; sem, porém, renegar o progresso técnico, com a construção de pontes e estradas. Da mesma forma que tentou alcançar os céus com as grandes torres das igrejas, zarpou rumo ao infinito horizonte, que há séculos suscitava a imaginação europeia: a conquista do Oceano Atlântico começara,

impulsionada por novas técnicas de navegação e de novas tecnologias de construção de navios, como a do ferro fundido. (DELUMEAU, 1994, p. 23)

Tradicionalmente, a Idade Média é dividida entre Alta Idade Média (séculos V – X) e Baixa Idade Média (séculos XI – XV). A primeira caracteriza-se pelo predomínio dos feudos e das relações de trabalho decorrentes dela, como a vassalagem. A Baixa Idade Média, por sua vez, é o período entre o século XI e meados do século XV. Nesse período, houve o enfraquecimento do sistema feudal e o conseqüente fortalecimento das cidades e a formação dos Estados territoriais, que terão impacto no Humanismo, no Renascimento e na Reforma Protestante. A partir do século XI houve o crescimento do aspecto urbano, em conseqüência do aumento do comércio e da conseqüente alteração dos panoramas econômico, social e político. Com o passar dos anos, os comerciantes adquirem cada vez mais riqueza e prestígio, o que os transforma em poder dominante das sociedades. As cidades crescem e tornam-se poderosos centros militares, financeiros e sociais, enfraquecendo o poder do Sacro Império Romano-Germânico³, que agora passa a depender da vontade dos soberanos das cidades, burgos, ducados, reinos, entre outros. Com esse declínio, o poder do Papa como autoridade temporal⁴ aumenta, uma vez que os príncipes das cidades não possuíam poder suficiente para oferecer resistência ao papado, como antes era feito pela figura do imperador. Didaticamente, a divisão entre esses dois termos são úteis para dividir e melhor entender a Idade Média, pois o período compreende cerca de 1000 anos de história. No entanto, eles são, assim como os termos “Renascimento” e o “Humanismo”, uma aproximação e não serão levados em conta ao pé da letra neste trabalho. (DEFREYN, 2005, p. 15 e 16) Considera-se que o Renascimento surgiu a partir do século XIII, na Itália. Ele caracteriza-se pelo grande interesse pela herança cultural grega e romana que estava presente na sociedade europeia da época, principalmente na Itália, berço da antiga civilização romana. O Humanismo possui foco especial na “verdadeira

³ Unidade política composta por diversos territórios da atual Alemanha e arredores, que existiu de 962 - 1806. Ao mesmo tempo em que os governantes deviam obediência ao imperador, eles também possuíam relativamente bastante autonomia para gerir seus próprios territórios. O Império era uma unidade política que era composta de diversas unidades políticas e étnicas menores. Mais de 350 entidades (entre territórios, cidades livres, principados eclesiásticos, ducados, reinos e outros) faziam parte dele e etnias diferentes conviviam dentro do mesmo espaço. A região da Boêmia, por exemplo, era de maioria eslava e fazia parte do Império. Hoje em dia, a Boêmia compõe cerca de 2/3 do território da República Tcheca.

⁴ Poder de governo exercido por governantes e, devido a seu grande prestígio e posses, pela Igreja Católica. Contrasta-se com o poder espiritual, também conhecido como poder eterno.

humanidade”, isto é, no cultivo da educação, da moral e da alma humana, enquanto o Renascimento tinha foco maior nas artes e possuía algumas implicações políticas, como o sentimento nacionalista. (DEFREYN, 2005, p. 23) “O Humanismo era universalista [...] e não se interrompeu com o Renascimento; o Renascimento era revestido de cores nacionais, envolvia as letras, artes e ciências.” (AQUINO et al., 1999, p. 125)

Na realidade, contrariamente ao que parece, a troca de informações e de conhecimentos, tanto culturais quanto científicos, era grande durante o período medieval, muito devido ao uso de uma língua internacional: o latim. É verdade que o latim, nesta época, era pobre e vulgarizado e não continha a excelência gramatical do latim do auge do Império Romano. Esta deficiência linguística causou ojeriza de muitos estudiosos que compararam as duas situações, o que motivou interpretações negativas sobre o período. A razão disso é que, ao comparar o latim medieval e o romano, muitos estudiosos do período do Iluminismo tiraram a conclusão de que os medievais eram burros e incapazes de escreverem tão bela e eloquentemente quanto os romanos, principalmente em relação a Cícero, grande escritor e orador. No entanto, mesmo tendo o *status* de idioma intelectual e difundido nas instituições de ensino, algumas pessoas estudadas, como membros do clero, possuíam dificuldades para entender bem o idioma latino. Esta deficiência, juntamente com o desconhecimento total da língua por parte de algumas pessoas gerou esforços de tradução, o que fomentou um avanço no desenvolvimento das técnicas linguísticas. (STARK, 2011, p. 205 e 221)

Atrelada a essa definição jocosa de Idade das Trevas, houve o surgimento do conceito de Renascimento. Segundo os historiadores do século XVIII, o Renascimento caracterizou-se como um período de retorno às raízes racionais da Antiguidade, ao mesmo tempo em que houve o abandono do misticismo obscurantista medieval que, segundo acusam, era responsável por impedir o avanço intelectual. Parte das alegações desses historiadores é verdade. A sociedade medieval era sim, de modo geral, clerical e monástica. Isso é devido, porém, menos à alta religiosidade do cidadão comum do que pela alta influência religiosa e pelas ações da Igreja Católica. A Igreja Católica, após estabelecer-se e herdar o prestígio e algumas estruturas do Império Romano, teve tanto recursos financeiros quanto permissão dos governantes locais para realizar um intenso trabalho evangelizador.

Com grande ênfase na educação, ela foi responsável pela maior parte da literatura dos primeiros séculos da Idade Média que chegou até nós: a liturgia. Durante séculos, os monges, abades, bispos e outros membros da Igreja entoaram e compuseram cantos religiosos em diferentes estilos e idiomas, tanto sobre Deus quanto sobre a vida cotidiana da sociedade de seu tempo. Os monges irlandeses, em especial, notabilizaram-se por seu trabalho de difusão, geograficamente, da fé cristã. Fundaram-se conventos em toda a parte: Luxeuil, na França⁵; Stavelot, na Bélgica; Sankt Gallen, na Suíça; Bobbio, na Itália. A manutenção dos saberes contidos nesses locais foi fundamental para a troca de informações e de conhecimento daquela sociedade e, mais tarde, serviu como base para as diversas “renascenças” que houve, com participação especial na “renascença carolíngia”, que foi fundamental para espalhar o cristianismo para o norte da Europa. (CARPEAUX, 2008, p. 286)

A fé estava em expansão na Europa. Diversos santuários, igrejas e confrarias surgiram, principalmente no interior, alcançando novos possíveis fiéis. O culto da Virgem Maria era especialmente venerado: “Segundo um edito do arcebispo Alberto de Mogúncia⁶, de 1514, cada membro da confraria do rosário poderia adquirir 7.700 dias de indulgências por cada rosário que tivesse rezado.” Também havia peregrinações, às vezes por longas distâncias. No ano de 1496, 140.000 fiéis visitaram a Igreja da Virgem Maria de *Aix-la-Chapelle*⁷. O culto dos santos era presente na sociedade, com especial atenção aos santos da família de Jesus (sua avó Ana, o marido dela Joaquim, os sogros da Virgem Maria e José). Outros santos eram evocados para garantir proteção: São Sebastião protegia contra a peste; São Cristóvão guardava as viagens e Santa Apolónia combatia as dores de dente. (LIENHARD, 1998, p. 24 e 25). Parte dessa situação, em especial a crença no perdão dos pecados através de ações humanas (como rezar um determinado número de vezes ou realizar “boas ações”) e na intercessão dos santos seriam severamente criticadas por Martim Lutero. O comércio mundano de objetos que representam o sagrado, prática comum durante parte do período medieval, também indignou Lutero, como será visto mais adiante.

⁵ Foram considerados os atuais nomes e localizações geográficas dos países para melhor entendimento.

⁶ Mainz, na Alemanha.

⁷ Aachen, na Alemanha

Ainda que a situação de devoção descrita no parágrafo anterior acontecesse, não é possível interpretar todo e qualquer cidadão comum medieval como alguém extremamente pio e religioso. A vida, de certa forma, revolia em torno da religião, principalmente quanto aos “grandes acontecimentos”, ou seja, das classes dominantes; mas isso não impedia que um grande número de pessoas não participasse da vida religiosa e de que mesmo os que dela participassem tivessem grande conhecimento da causa. Pesquisas na Espanha no século XIV e XV demonstram que muitos cristãos devotos, que relatavam até mesmo terem visto aparições divinas, como a de Virgem Maria, eram ignorantes dos Dez Mandamentos e dos Sete Pecados Capitais. Eles não somente não conseguiam identificá-los, como repetidas vezes sequer sabiam que eles existiam. Documentos da Saxônia, de 1577 e 1589, notam que: “em alguns vilarejos não é possível encontrar uma única pessoa que sabia dos Dez Mandamentos”; em *Salzliebenhalle*, na Alemanha, em 1590,: “[ninguém] sabe quem seu Salvador e Redentor é”; um pastor de *Graim* disse em 1535: “Como eles nunca vão à Igreja, muitos deles não podem sequer professar suas rezas.” (STARK, 2011, p. 220). Além de parte de o povo não ter muito conhecimento em relação ao Cristianismo, muitos padres também não o tinha. Em 1222, o Conselho de Oxford descreveu o clero da paróquia como “cachorros burros”. O bispo de Gloucester, na Inglaterra, testou o clero de sua diocese e descobriu que, dos 331 pastores, 171 não conseguiram repetir os Dez Mandamentos e 27 não sabiam qual era o autor da Oração do Senhor. Erasmo de Roterdam também notou que “muitos conventos de homens e mulheres se diferenciam pouco de bordéis públicos”. (STARK, 2011, p. 221 e 223)

O panorama da Idade Média era, como se pôde ver, diferente do que se costuma pensar. Também é comum olhar Lutero como o inventor da ideia de reformar a Igreja Católica. Durante muitos séculos, especialmente a partir do século X, diversas tentativas de reformas aconteceram, tanto interna quanto externamente. É possível citar as reformas cluníacas, a valdense, a franciscana e mais outras que, de diversas maneiras, eram sintomas da decadência de parte da vida clerical da Igreja Católica. (LIENHARD, 1998, p. 27 e 28) Esses movimentos serão mais detalhadamente expostos no decorrer do texto.

1.2 O que foram o Renascimento e o Humanismo?

O Renascimento, como já foi exposto, foi, ao longo da História, definido como um período de muitos avanços, com influência da razão em oposição à religião atrasada da Idade Média. No entanto, a partir do momento que a visão pessimista de uma Idade das Trevas é invalidada, deve-se perguntar: o Renascimento existiu? Não que ele não tenha existido enquanto fato e objeto histórico, mas no sentido de: é válido dizer que a razão renasceu se, afinal, ela nunca morreu?

O Renascimento encanta as pessoas por conta das interessantes histórias contadas: o veneno dos Borgia, as cortesãs de Veneza, os casamentos de Henrique VIII e os bailes da corte dos Valois; porém, analisar estes casos minuciosamente significa perder a visão do conjunto maior de mudanças e acontecimentos que ocorreram durante o período, como a elevação do espírito de abstração e de organização e a lenta, mas firme, consolidação de uma mentalidade mais experimental e científica. (DELUMEAU, 1994, p. 24)

No fim da Idade Média, houve o florescimento do Renascimento e do Humanismo. Esses movimentos representaram uma mudança de mentalidade geral europeia. Enquanto antes predominava a Escolástica⁸ e o teocentrismo, eles rompem com isso e trazem a atenção no homem e no indivíduo, na busca da excelência do *ser* humano. Dessa forma, as relações Homem-Deus são observadas a partir de um novo paradigma, enquanto que a preocupação com a relação Homem-Natureza adquiriu prestígio intelectual. Juntamente com a mudança de foco, houve a mudança de fontes de estudo. O Renascimento interessou-se principalmente com os escritos do mundo grego e romano. Ainda que seus autores fossem pagãos, eles foram muito estudados e usados tanto a favor quanto contra a Igreja Católica. Erasmo de Roterdam, por exemplo, foi um dos maiores humanistas e se opôs à Reforma Luterana, defendendo a Igreja Católica; já Lorenzo Valla utilizou-se dos saberes da Idade Antiga para escrever seu famoso trabalho contra o documento “A Doação de Constantino”⁹. Vê-se, então, que o Humanismo não foi

⁸ Método do estudo que buscava a conciliação entre fé e razão. Apoiada principalmente na lógica aristotélica, foi presente na intelectualidade desde o século IX até o XIV, com seu apogeu no século XIII. Ela tornou comum a produção do conhecimento através de debates, conhecidos como *disputatio*, para alcançar a verdade e resolver questões que não tinham resposta ainda. (DEFREYN, 2005, p. 22)

⁹ Documento apresentado pela Igreja Católica no passado para justificar e validar a posse de diversos terrenos e imóveis, que teriam sido doados pelo imperador romano Constantino (306 – 337 d.C.).

necessariamente algo contrário à Igreja Católica. Em verdade, a Igreja se serviu muito do Humanismo: o próprio Lorenzo Valla era assistente e trabalhava para o Papa. Há de lembrar que um dos maiores mecenas¹⁰ de artistas humanistas foi justamente a Igreja Católica. (DICKENS, 1971, p. 22)

Tanto ao sul quanto ao norte dos Alpes, o humanismo floresceu. O Humanismo também trouxe críticas à Escolástica e fomentou a popularização da imprensa, muito devido a Johannes Gutenberg. A imprensa serviu para espalhar os ideais humanistas, renascentistas e luteranos para outras regiões da Europa, através da impressão de diversos livros e panfletos. Em torno de 1500 a Alemanha, por meio de trabalhos de Conrado Muciano Rufo, Eobano Hess, Jorge Espalatino e Ulrico de Hutten, debruçou-se sobre a história do próprio país; surgia aí um apelo nacionalista e patriótico, que estará presente também no desenvolvimento da Reforma Luterana. No Norte da Europa o Humanismo assumiu uma forma mais religiosa do que dentro da própria Itália. Também se somaram a isso as preocupações no âmbito pedagógico e moral. Erasmo de Roterdam, conhecido como “o príncipe dos humanistas”, tornou-se extremamente famoso em sua época por escritos críticos à Igreja Católica (*O Elogio da Loucura*¹¹), sobre a educação moral (*O Manual do Soldado Cristão*¹²) e por seus *Colóquios*. Martim Lutero, ainda que vivesse numa sociedade humanista e renascentista assim como Erasmo, foi, aparentemente, menos influenciado do que ele. Suas referências a autores antigos são raras. Ele dá preferência a Ovídio, Virgílio e Plauto. Não é possível, no entanto, dizer que Lutero não teve influência humanista ou mesmo que ele é um anti-humanista; seria mais certo afirmar que ele utilizou as contribuições humanistas como ferramentas para revigorar o estudo bíblico e religioso. A aprendizagem dos idiomas antigos, em especial nos quais a Bíblia fora originalmente escrita e o interesse pelas fontes foram componentes vitais para que suas obras pudessem ser compostas. Outra nota importante é que ele nunca foi contra o Humanismo. Parece que ele via grande valor nos conhecimentos dos sábios da Antiguidade. Ainda assim, Lutero utiliza principalmente fontes cristãs, com destaque para Agostinho e

Através de análises linguísticas e da observação de incongruências históricas, Valla provou que o documento era falso.

¹⁰ Mecenas é uma pessoa ou uma instituição que patrocina e protege artistas.

¹¹ *Morias Engomion*, em grego

¹² *Enchiridion militis christiani*, em latim

outros intelectuais da Patrística. O seu foco era as questões religiosas. (LIENHARD, 1998, p. 26 e 27)

Ao definir o que é a Renascença, surgem mais perguntas do que respostas. Porque ela surgiu? Quando? Como? Quem está envolvido nela? Se é correto que grandes renascentistas como Michelângelo, Rafael, Galileu e Camões viveram durante o século XV e XVI, não é correto afirmar que eles foram os primeiros a utilizarem como base os conhecimentos das sociedades da Antiguidade.

O uso da expressão “Renascença” pelos historiadores foi inaugurado por Michelet e Burckhardt, ainda que eles não tenham cunhado o conceito e não concordassem totalmente com ele. A ideia do Renascimento é mais antiga e data dos historiadores das artes plásticas do século XVI, como Vasari, que consideravam que alguns artistas modernos como Leonardo, Miguel Ângelo, Rafael, Correggio e Ticiano eram dignas do esplendor da Antiguidade. Com o tempo, mais artistas foram sendo adicionados a esse panteão, como Duerer, Rubens, Van Dyck e Claude Lorrain. (DELUMEAU, 1994, p. 19) Além da arte, outras pessoas se destacaram: Camões, Cervantes, Colombo, Lutero, Copérnico e Galileu entraram para o rol da Renascença. Logo, percebe-se que a definição de “Renascimento” é flexível. Ao incluir outras pessoas, também se alterou a temporalidade do período, principalmente devido ao fato de ser necessário incluir os mestres dos artistas mais novos. Se no início a glória principal era oferecida ao século XV, conhecido como “Cinquecento”, agora os séculos anteriores eram exaltados, retrocedendo até Giotto, nascido em 1267, apenas dois anos depois de Dante. Mas Dante, um dos maiores artistas da história, é considerado o símbolo máximo do medievalismo, sendo “o poeta do tomismo”. Chegou-se num ponto em que o Renascimento e o medievalismo se confundem, pelo menos temporalmente. Não há mais motivo para considerar o Renascimento como um fenômeno exclusivo da Idade Moderna, em que as supostas trevas da Idade Média foram expulsas pela razão. Afinal, um dos maiores defensores e especialistas em Aristóteles foi Tomás de Aquino, que viveu no século XII. Mas, a partir dessa abordagem, o problema foi somente deslocado no tempo. São Tomás de Aquino não escavou os escritos aristotélicos perdidos em algum lugar da Grécia; ele teve contato com versões traduzidas e preservadas durante séculos por diversos atores diferentes, onde se destaca o trabalho produzido entre 1070 e 1140, a chamada “Proto-Renascença”, centrada na França.

Este, por sua vez, bebeu da fonte do esforço incentivado por Carlos Magno: a “Renascença Carolíngia”, que cultivou sobretudo Virgílio, por conta da facilidade de uma interpretação cristã de sua obra. No entanto, Carlos Magno, governante de um império da Europa Central, não poderia ter tido acesso a obras da Antiguidade se não fosse o trabalho de helenização realizado por diversas pessoas do passado, onde se destacam a atividade do Imperador Justiniano, dos monges de São Bento e do papado de Gregório, o Grande. Poder-se-ia, também, utilizar o conceito de Renascimento para o futuro, citando o classicismo francês e a “Antiguidade dionisíaca” de Nietzsche. Porém, não há necessidade, pois o ponto já ficou claro. Como afirma o historiador franco-belga Pierre Mandonnet: “o ocidente é uma sequência de renascenças”. Percebe-se que o conceito tradicional de uma Renascença única que salvou a humanidade da ignorância não possui validade real na história; serve apenas como uma etiqueta que nomeia o conteúdo, mas não o descreve. (CARPEAUX, 2008, p. 50 - 52)

A literatura medieval é extremamente vasta e, por ser escrita majoritariamente na língua comum latina, também é internacional.¹³ Ela conseguiu agregar diferentes contextos e sociedades: de Portugal às ilhas britânicas e até à Rússia, passando por toda a costa mediterrânica europeia. Além disso, o idioma também abrigou diferentes temporalidades, contendo desde Homero, através de traduções, até o livro “Elogio da Loucura”, de Erasmo de Roterdã, publicado em 1511. No total, mais de 2.000 anos de história da literatura e da humanidade puderam ser inteligíveis através do idioma. No entanto, ele não era exclusivo. Durante grande parte da Idade Média, a literatura latina conviveu com as literaturas em idiomas nacionais. Dessa forma, o latim teve várias vantagens: serviu como um meio de contato entre a realidade popular das pessoas que não tinham instrução no latim e a “alta intelectualidade”, tanto contemporânea quanto de séculos passados; foi utilizado como língua internacional e falada em diversos países europeus; e foi “fonte inspiradora” para as literaturas em língua vernácula¹⁴, fornecendo assuntos, gêneros e formas. (CARPEAUX, 2008, p. 315)

¹³ O idioma latino será vítima do jogo do poder entre papas e governantes locais. Com a disputa política entre as duas figuras sobre o domínio temporal, surgiram consciências nacionais e os idiomas vernáculos foram exaltados e o latim foi paulatinamente sendo substituído, uma vez que era visto como um “corpo estranho” nas sociedades nacionais. (CARPEAUX, 2008, p. 360)

¹⁴ Idioma nacional de um país, nação ou região.

Mas por quê? O que atraiu durante tantos séculos os europeus ao mundo greco-romano? Na verdade, cada época identificou na Antiguidade o que queria ver. Carpeaux explica:

Essas renascenças consecutivas constituem um fenômeno inquietante: tentativas sempre repetidas de apoderar-se da substância da civilização antiga; sempre repetidas, porque talvez sempre malogradas. Afirma-se a influência imensa das letras greco-romana nas literaturas medievais e modernas. Parece, porém, que todas as épocas souberam escolher na Antiguidade apenas o que lhes era afim: cada época logrou somente criar uma imagem da Antiguidade segundo a sua própria imagem, de modo que já a época seguinte ficava na obrigação de abandonar o erro e incidir em novo erro. (CARPEAUX, 2008, p. 52)

A civilização renascentista não almejava literalmente retornar ao passado greco-romano, mas sim pegar impulso nela para progredir à sua própria maneira. Dessa forma, houve uma seleção, ainda que às vezes involuntária, de quais conteúdos deveriam fazer parte do “novo panteão” de conhecimentos. Então, retirou-se matéria-prima de templos romanos e gregos para melhor ornamentar os cristãos e Aristóteles, muito ligado à Escolástica de São Tomás de Aquino, que já se encontrava em declínio, perdeu espaço para Platão e Arquimedes. Mesmo erros cometidos no passado serviram, mesmo que involuntariamente, para novas descobertas: graças aos erros de cálculo de Ptolomeu, que acreditava ser a Terra menor do que realmente era, tornando possível uma viagem ao redor do mundo viajando para o Oeste, que Colombo chegou à América. (DELUMEAU, 1994, p. 22 e 23)

Para melhor compreender essa inspiração no passado, é necessário entender o sentido da palavra *tradição*. Essa palavra pode ser interpretada de diferentes modos. Atualmente, ela está ligada ao sentido de “fé”, “imitação” ou “dogma”. Dessa maneira, a *tradição* torna-se uma espécie de cânone absoluto: o que diverge dele deve ser descartado e mantem-se somente o que dá continuidade às linhas previamente traçadas. Já os antigos entendiam a *tradição* como um corpo de conhecimentos e saberes sob os quais novas formas e obras deveriam ser criadas, sem, porém, limitar os futuros saberes. Uma vez definida a *tradição*, ela serve de terreno fértil para releituras dela mesma. Um exemplo citável é o das obras de Homero. Existem diferentes versões divergentes em maior ou menor grau de *Ilíada* e de *Odisséia*; sem, no entanto, ser possível afirmar que elas são falsas, pois o

método de construir saberes daquela época permitia diferentes versões. Entre os poetas antigos existia uma espécie de “banco de dados” de conhecimento comum. Os diferentes cantores e declamadores não recitavam uma única versão escrita por algum poeta, que talvez tenha se chamado Homero. Eles seguiam um roteiro padrão: as aventuras de Ulisses (Odisseu) durante seu regresso para Ítaca, passando pela Ilha de Circe, pela ilha do ciclope Polifemo, entre outras cenas. Para além e apoiando-se nessas passagens famosas, era permitido que os poetas criassem desde que seguisse as “linhas gerais” da tradição. (CARPEAUX, 2008, p. 75) Carpeaux explica melhor:

A mimesis, segundo Aristóteles, não é mera imitação; é a técnica literária da transformação de impulsos psicológicos do poeta em estruturas linguísticas, sem preocupação da conformidade com a natureza ou com a forma tradicional do assunto. As modificações poéticas, introduzidas deste modo, incorporaram-se imediatamente à “natureza” e à “tradição”, e nisso reside a diferença entre a maneira antiga e a maneira moderna de considerar a literatura e o mundo. O homem antigo era incapaz de distinguir bem, na obra de arte, entre a Natureza e a representação da Natureza [...] para os gregos, a idealidade do pensamento filosófico e das obras de arte coincidia com a realidade das coisas. Neste sentido, o mundo grego continua como ideal eterno. (CARPEAUX, 2008, p. 75)

Mortimer Adler (1902 – 2001), em seu livro *Como ler livros*, utiliza o conceito de *unidade*. O autor diz que cada livro possui uma unidade, que é a estrutura principal sobre a qual a trama se desenvolve. Ele a compara analogamente com os ossos do corpo humano. Essa unidade sempre pode ser expressa por algumas frases. Para exemplificar, Adler utiliza-se da descrição de Aristóteles da unidade de Odisseia, de Homero:

Um homem solitário vagueia, durante anos, em terras estrangeiras; ele é vigiado pelo ciumento Possêidon, que o impede de voltar, e fica desolado. Em casa, os pretendentes de sua esposa lhe devoram os bens e ameaçam a vida de seu filho. Quando, finalmente, consegue regressar, ele revela a alguns a sua identidade, ataca e destrói os inimigos com as próprias mãos e salva-se. (ADLER, 2010, p. 92)

Essa é a unidade da Odisseia. Todo o resto são apenas cenas, ou então, partes subordinadas ao pano de fundo sobre o qual a história se desenrola. É como se as cenas fossem a pele e a roupa que vestimos – elas não revelam a nossa essência ou a estrutura. Essa definição de Adler de unidade nos ajuda a entender como a tradição era entendida – conservava-se a *unidade* do ser e do espírito

humano. No entanto, o esqueleto foi mantido e vestido com “roupas” renascentistas. Este conceito de unidade é uma ferramenta importante para o entendimento das culturas passadas. A capacidade de redução do enredo – cheio de cenas e passagens confusas e diversas – em poucas frases denota o centro em torno do qual se desenvolve a história. No entanto, estas ocorrências não apenas enfeitam despropositadamente a unidade da obra, mas sim servem como exemplo e desenvolvem diversos aspectos do livro e, de certo modo, de uma própria época. Sendo assim, não se deve ignorar as cenas aparentemente acessórias, mas sim interpretá-las à luz da unidade da obra e da época, uma vez que as maiores obras adquiriram este status graças à incorporação de um espírito de época.

É com essa interpretação sobre a *tradição* que os humanistas e renascentistas olharão para o passado dos mundos grego e romano. Dessa forma, entende-se que não houve apenas uma imitação ou um simples resgate dos saberes antigos, mas sim, que eles foram utilizados como ponto de partida para criações com aspectos medievais e mesmo modernas. Erasmo de Roterdam e Martim Lutero se encaixam nessa definição. Erasmo, em sua obra *Educação de um Príncipe Cristão*, baseia praticamente toda sua obra nas recomendações e nas ações de sábios romanos e gregos. Porém, ele vai além e transborda os meros conhecimentos daqueles. Apoiando-se nos antigos autores, ele cria uma pedagogia cristã, readequando as “barbáries dos pagãos”. Lutero também realiza algo semelhante. Utiliza-se de exemplos do mundo antigo para defender a criação e a manutenção de escolas públicas¹⁵. Dessa forma, todas as pessoas poderiam ter acesso a uma boa educação, mesmo que fossem pobres. Porém, ele ultrapassa as barreiras da mera imitação e defende que as escolas devessem ser cristãs, como será visto mais adiante. Além disso, a teologia luterana é mais focada na relação direta entre indivíduo e Deus, o que confere a ela um caráter mais típico da modernidade.

O ideal de retorno à Antiguidade também influenciou o modo como a sociedade observava a vida religiosa. Então emerge a *Devotio Moderna*. Ela foi um movimento de renovação surgida ao fim do século XIV e que teve seu apogeu durante o século XV. Adquiriu grande fama com a publicação de *Imitação de Jesus Cristo*, de Tomás de Kempis. Ela foi um movimento que também dava vazão a um

¹⁵ As escolas públicas de Lutero, no entanto, diferiam das que existem hoje no Brasil. Essa diferença será abordada mais à frente.

sentimento de retorno a um passado cristão com menos posses, poder e riqueza. No entanto, sua influência ficou restrita aos Países Baixos, ao Norte da Alemanha e à área do Rio Reno. A *Devotio Moderna* enaltecia:

[...] a imitação de Jesus Cristo e a humildade, o exame de consciência e a censura fraterna, a leitura da Bíblia e a oração, sem negligenciar, de outra parte, a transmissão de conhecimentos, estimulada por certos contatos com os meios humanísticos. (LIENHARD, 1998, p. 24)

O movimento não teve muitos efeitos práticos, porém simboliza o descontentamento com a atual situação espiritual da época, que mais tarde catalisará a Reforma Protestante.

O Humanismo não possuía, dentro da Europa, localidade específica. Ele teve representantes de diversos países do continente, que se uniam em torno de um conhecimento em comum que fora supostamente herdado dos antigos sábios da Grécia e Roma. Erasmo de Roterdã escreve, numa carta de 1519 endereçada a Luís Ruzé: “Para os amigos das letras pouco importam as diferenças de região. A quem quer que tenha sido iniciado no culto das Musas¹⁶ tenho por meu compatriota, *omopátrida*” (NUNES, 2006, p.5) O próprio Erasmo é representante deste espírito, visto que ele morou e percorreu diversos países da Europa, mantendo relações de amizade com várias pessoas de origens distintas.

Ao mesmo tempo em que o Humanismo e o Renascimento uniram diversos intelectuais, regiões e países sob um mesmo panteão de conhecimentos, ele ocupou papel de extrema importância na história da Europa como um todo. O movimento contribuiu para a criação de um sentimento de unidade europeia, de onde, em grande parte, vem a noção de “sociedade ocidental”, que temos até hoje. A partir de então, a Europa se destaca cada vez mais por sua unicidade:

Por outro lado, os árabes conservaram sem modificações sensíveis a civilização da Antiguidade decadente; eram incapazes da renovação radical que o humanismo conseguiu. Em última análise, o traço característico da civilização ocidental não é a herança antiga, mas a modificação dela, que se chama Renascença. (CARPEAUX, 2008, p. 49)

¹⁶ Na mitologia grega, eram entidades divinas que estavam relacionadas à inspiração dos artistas.

1.3 As pedagogias da Idade Média

A História da Educação pode ser dividida de várias maneiras, a depender do recorte utilizado pelo historiador. Roger Clausse, que viveu durante o século XX, preocupa-se principalmente com a educação nas idades Antiga e Média e as divide assim: durante a República Romana, pretendia-se formar cidadãos romanos; sob o Império, funcionários; durante a Idade Média, a pedagogia possuía concepções ascéticas e, durante a Renascença, intenções liberais e humanas. (NUNES, 2006, p. 88) No entanto, essas afirmações são uma grande simplificação. Durante os referidos períodos conviveram diferentes correntes pedagógicas, bem como diferentes educações. Outro fator a se considerar é a localização temporal e espacial dos acontecimentos. Durante a Idade Média, por exemplo, ao mesmo tempo em que houve São Tomás de Aquino, preocupado com as questões referentes à alma humana, houve também a intensificação da atividade comercial, bancária e burguesa, onde se arrefecia a materialidade da vida humana.

Santo Agostinho viveu durante o século IV, porém teve grande influência sobre a educação na Idade Média, inclusive sobre Lutero. Agostinho realçava uma educação onde “os jovens deveriam dedicar-se ao aprendizado das artes liberais e mecânicas e à filosofia, a fim de aproveitarem ainda mais no estudo da Sagrada Escritura que ensina o que é preciso saber e praticar para alcançar a vida eterna e feliz.” (NUNES, 2006, p. 89) Enquanto a educação das escolas e dos mosteiros medievais seguiam esses princípios, os cavaleiros tinham ênfase no manejo das armas, educação física, coragem e fidelidade. Já as corporações de ofício voltavam seus ensinamentos para atividades técnicas e práticas. Vê-se, então, que o panorama era diverso e amplo, ultrapassando barreiras tradicionalmente estabelecidas. (NUNES, 2006, p. 89 e 90)

O desenrolar de fatos políticos, sociais e econômicos, com certeza, influenciaram os paradigmas educacionais das diferentes sociedades humanas. Com a queda do Império Romano, houve um esfacelamento do cultivo das letras, principalmente do latim, e da educação de modo geral. Com as unidades nacionais e políticas mais fragmentadas, coube à Igreja Católica assumir parte da educação. Assim, o vácuo foi preenchido pela Igreja que incorporou em seus mosteiros cada vez mais a tarefa de ensinar. Como a educação ocorria em grande parte nas instituições cristãs, a maioria dos intelectuais e letrados eram membros da Igreja

Católica que almejavam seguir carreira dentro dela. Com o passar do tempo, a nobreza enviou de maneira crescente os filhos às instituições educacionais religiosas, o que aumentou o prestígio a Igreja na sociedade de modo geral. (DEFREYN, 2008, p. 14)

Mesmo com o prejuízo da educação formal, intelectuais como São Sidônio Apolinário, nascido em 431 ou 432; Santo Enódio, bispo de Pavia de 513-521; Prisciano, que destacou-se por sua gramática latina; Virgílio Maro, gramático de Toulouse; comprovam que a atividade intelectual permaneceu ativa, mesmo com a queda paulatina de instituições educacionais oficiais sólidas. Estes senhores, em maior ou menor medida, mantiveram e produziram grande conhecimento pedagógico e literário e influenciaram os séculos que se seguiram. (NUNES, 2006, p. 92) O ano e, em especial, o dia de 5 de novembro de 529 tiveram importância especial sobre a história da educação. Foi neste ano que houve o fechamento d'Academia de Platão, em Atenas, por mando de Justiniano, que desgostava do caráter pagão que a escola tinha¹⁷. Ainda em 529 houve a fundação da Ordem Beneditina, na Itália. Ela tinha como base uma disciplina e ordem estabelecidas na Regra de São Bento que serviram como modelo para a sociedade cristã. No dia 5 de novembro houve o Concílio de Vaison, convocado por São Cesário de Arles, onde foi decretado o seguinte cânone:

Nas paróquias, todos os padres devem, segundo o salutar costume que sabemos ter sido instaurado em toda a Itália, acolher em suas casas os jovens leitores não casados, a fim de instruí-los no canto dos salmos, nas lições teológicas e na lei do Senhor, para que desse modo preparem para si próprios dignos sucessores. Todavia, se mais tarde o leitor quiser casar-se, não se lhe deverá recusar a permissão. (apud NUNES, 2006, p. 93)

Além das instruções incitando a educação de “jovens leitores não casados” no “canto dos salmos, nas lições teológicas e na lei do Senhor”, é importante notar que esse “salutar costume” já tinha “sido instaurado em toda a Itália”. Então, o cânone é, no fundo, apenas uma formalização e uma recomendação de uma prática que já ocorria de modo difundido no país italiano. Outro elemento é que as informações corriam através do espaço medieval e se replicavam. O Concílio de Vaison, localizado numa cidade francesa com bispos de toda cristandade, não hesita em

¹⁷ Mesmo que a relação entre educação e o cristianismo seja, de modo geral, amistosa, é inegável que atritos ocorriam, com excessos sendo cometidos.

copiar e incentivar uma prática italiana. É possível notar também que este modelo educacional já estava difundido “em toda a Itália”, o que demonstra que os monges e as instituições cristãs possuíam liberdade e autonomia para desenvolverem novas técnicas educacionais, mesmo sem o aval expresso da Igreja Católica, que só fora concedido agora. Somente após ela estar firmemente definida na Itália é que o Concílio, instância superior da Igreja Católica, a incentiva para as outras regiões. É um processo de baixo para cima, e não o contrário. Esta educação-modelo é claramente cristã, com apelo especial à instrução “no canto dos salmos, nas lições teológicas e na lei do Senhor”, como visto na citação acima. Porém, ela não obriga os alunos a seguirem a vida rígida e regular dos monges, permitindo inclusive que os alunos possam, se assim desejarem, casarem-se. Ainda que ela fosse voltada à religião, a educação aqui não era vista estritamente como um meio para alcançar alguma finalidade, como, por exemplo, tornar-se um erudito intelectual, professor ou artífice. Ela era para que as pessoas pudessem melhor viver o cotidiano cristão. (NUNES, 2006, p. 93).

Uma educação voltada para o Cristianismo também foi alvo da “Renascença Carolíngia”, que já foi discutida anteriormente. Na educação objetivada por este movimento, o foco primário não era o de aprender a ler e escrever ou de virar um grande intelectual, mas sim de mediar elementos do culto e doutrina cristãos. Ensinos como o Pai-Nosso e o Credo Apostólico estavam presentes e deviam ser decorados pelos alunos. A reforma escolar protagonizada por Carlos Magno, no século VIII, incorporou diversos elementos da educação clássica da Idade Antiga dentro da escola. O estudo “voltado para a vida”, ou seja, sem aplicação em atividades práticas, como era a educação nas corporações de ofício, revolveu em torno das chamadas artes liberais.¹⁸ O ensino era dividido em duas partes: a primeira era o chamado trívio (*trivium*), que era relativo à gramática, dialética e retórica. Depois havia o quadrívio (*quadrivium*), com as disciplinas de aritmética, geometria, astronomia e música. Menos pessoas tinham acesso ao segundo nível de ensino que, com o desenvolvimento das universidades, tornou-se restrito a elas. As escolas de nível fundamental, em oposição, foram apelidadas de “triviais”, por não serem profundas o suficiente. Com o passar do tempo, a expressão “trivial” adquiriu conotação negativa – o que não ocorria quando o *trivium* e o *quadrivium*

¹⁸ Liberais, nesse sentido, é relativo às artes do homem livre, em detrimento das artes mecânicas do homem servil. (DEFREYN, 2005, p. 19)

eram componentes do currículo educacional. O ensino religioso ocorria juntamente com o das demais matérias, através da decoração de orações e hinos e do aprendizado da liturgia. A música litúrgica era tão presente nestas escolas que elas eram por vezes chamadas de *Gesangschule* (“Escolas de canto”). De modo geral, a pedagogia utilizada envolvia repetição, decoração e castigos físicos. O uso da memória e de técnicas de memorização era uma necessidade da época, uma vez que não havia muito material disponível para os alunos escreverem (ou seja, cadernos escolares) e também por não haver a tão grande e fácil disponibilidade de hoje com a Internet, por exemplo. Os castigos físicos, adotados até meados do século XX em várias escolas, eram por vezes severos; não obstante, havia já diversas preocupações e normas para que eles não passassem dos limites.

As universidades, naquele tempo, diferiam das atuais. Para entrar nelas era necessária a confissão cristã do aluno, porém não eram exigidos conhecimentos prévios ou idade mínima. Por exemplo, João Eck¹⁹ entrou na universidade aos 11 anos e Filipe Melanchthon²⁰ aos 12. Na universidade, em geral, entrava-se na faculdade de artes (as chamadas artes liberais: trívio e quadrívio) e depois podia-se escolher entre as três faculdades “superiores”: teologia, medicina e direito. Foi nas universidades que a Escolástica esteve mais presente e tornou-se famosa. (DEFREYN, 2005, p. 19 - 22)

No entanto, o sucesso desta pedagogia foi dúbio, pois grande parte da população ainda permanecia analfabeta e tinha pouco acesso às escolas, ainda que elas tivessem aumentado em número. O lado positivo, porém, foi a sedimentação do latim como língua erudita, ou seja, usada dentro das escolas e pela intelectualidade para se comunicar. Outro ponto é que as escolas aqui surgidas serviram para melhorar a educação do clero. O corpo religioso, a partir de então, conseguiu cultivar melhor os idiomas e os escritos antigos, além da história do Cristianismo. Mais tarde, esses conhecimentos serão fundamentais para a ascensão do Humanismo e do Renascimento. (DEFREYN, 2005, p. 14) Nos concílios de Latrão, ocorridos em 1179 e 1215, “os bispos foram comprometidos a fundar e prover meios para o sustento das escolas e professores nas suas cidades, ligadas a catedrais ou fundações.” (DEFREYN, 2005, p. 16) Os “alunos externos”, ou seja, que não compunham ou não

¹⁹ (1486 – 1543) Também conhecido como João Maier, foi um proeminente teólogo e adversário das teses luteranas, defendendo o catolicismo por toda sua vida.

²⁰ (1497 – 1560) Um dos principais colaboradores e aliados de Lutero, tornou-se um dos líderes do movimento da reforma da Igreja Católica, principalmente após a morte de Lutero.

queriam compor parte da Igreja, não eram mais aceitos nos mosteiros. (DEFREYN, 2005, p. 16)

O envolvimento da burguesia com as escolas alterou o ensino e fez com que a formação escolar fosse fundada na existência secular, ou seja, das necessidades do cotidiano, como ler, escrever e calcular, funções necessárias para a administração das posses que a classe detinha. Concomitantemente, na Alemanha, o idioma alemão foi conquistando espaço em detrimento do latim, que antes predominava. No entanto, o caráter religioso da educação, de modo geral, continuou, com grande quantidade deste assunto dentro das escolas. O que ocorreu foi menos uma mudança radical do que uma adaptação para uma nova realidade social. As corporações de ofício também se espalham, principalmente após o início do século XV. Elas eram instituições que forneciam o ensino técnico para diversas profissões, onde futuros artesãos aprendiam o ofício. Também havia escolas particulares, em que um professor dispunha seu tempo e cobrava para ensinar diversos conhecimentos para os alunos. Em alguns momentos, este último modelo de escola foi perseguido e enfrentou problemas; não obstante, ela continuava a existir, o que mostra uma alta demanda pelo ensino mesmo antes da Reforma Protestante. (DEFREYN, 2005, p. 17 - 19). A educação, principalmente nas corporações de ofício, era muitas vezes encarada como um meio para alcançar profissões e conhecimentos específicos, e não como um fim em si. Sobre essa concepção, Lutero escreveu em seu escrito intitulado “Aos conselhos de todas as cidades da Alemanha, para que criem e mantenham escolas cristãs”²¹:

[...] ninguém está mais disposto a ter suas crianças educadas. “Diga-nos”, eles dizem, “porque nós enviaríamos eles para as escolas, se eles não se tornarão sacerdotes, monges e freiras? Seria melhor para eles aprenderem coisas que os ajudarão a ganhar a vida!”²² (THE AGES DIGITAL LIBRARY COLLECTIONS, 1997, p. 77, tradução nossa)

Melanchthon, amigo de Lutero, escreveu na sua “Oração sobre as misérias dos pedagogos”²³, que não há homens mais infelizes do que os pedagogos ou professores de primeiras letras, pois os alunos, ao entrar na escola, já encontram-se

²¹ “*To the councilmen of all cities in Germany that they establish and maintain christian schools.*”, em inglês

²² “[...] *no one is any longer willing to have children educated. ‘Tell us,’ they say, ‘why should we send them to school, if they are not to become priests, monks and nuns? They had better learn such things as will help them to make a living!’*”

²³ *De miseriis paedagogorum Oratio*, em latim.

corrompidos pela indulgência dos pais e pelos vícios precoces e por isso não nutrem amor pelas letras; pelo contrário, cultivam o ódio contra elas. Melanchthon, que também era humanista, compara o trabalho destes professores ao trabalho interminável do mito de Sísifo, que é condenado a sempre reiniciar seu trabalho dia após dia, sem que ele renda fruto algum. Os pais também possuem sua parcela de culpa: se o filho tiver resultados bons, não se importam de dar crédito aos professores; se o filho vai mal, culpam os mestres. (NUNES, 2006, p. 153)

Os escolásticos tinham um método de estudo e de ensino que subordinava o conhecimento de textos da Antiguidade aos próprios objetivos. A influência aristotélica na Escolástica, principalmente na filosofia moral, resultava num concepção de que a eloquência poderia significar uma dificuldade para a filosofia. Na cultura do Renascimento, porém, mais influenciada por Cícero do que por Aristóteles, a filosofia moral e o genuíno espírito cristão encontravam-se na união entre sabedoria e eloquência. Outra diferença é que na Escolástica o ensino era fundamentado na leitura dos textos. A verdade divina, revelada por meio das letras de alguns autores em específico, continha os conhecimentos necessários e cabia às pessoas e aos mestres decodificar esta verdade. Novos questionamentos eram concebidos em cima do que já fora revelado e escrito. No Renascimento, diferentemente, o homem possuía liberdade para criar, pois ele era o “escultor da própria imagem”, como diz o texto do humanista Pico della Mirandola sobre *A Dignidade do Homem* (1486). (apud PINTO, 2009, p. 13) Dessa maneira, o ser humano adquire e cria conhecimento de forma ativa e não passiva. Isto impactou nas disciplinas lecionadas nas escolas: agora a memorização era menos importante do que criação e recriação dos modelos antigos, transformando os professores, antes intermediários e facilitadores do conhecimento contido nos textos Antigos, em criadores, pesquisadores e fontes autênticas do saber. (PINTO, 2009, p. 12 - 14) Esta nova mentalidade educacional será mais bem investigada no capítulo sobre Erasmo de Roterdam.

Sobre o assunto da educação, houve mudanças com a mentalidade do Renascimento. Na Antiguidade, dava-se grande ênfase na memorização de textos; no Renascimento, sob instrução de pessoas como Erasmo de Roterdam, o foco maior dá-se na apreensão dos conteúdos e à produção de novos textos. A verdadeira filosofia moral encontrava-se na união entre sabedoria e eloquência, com

menos importância à memória. Neste ponto, a popularização da imprensa e dos livros desempenhou papel importante, uma vez que agora o conhecimento contido nos livros estaria mais facilmente à disposição das pessoas, o que retirava um pouco da importância da memória. (PINTO, 2009, p. 13 e 15)

2. O Mundo de Lutero

2.1 Lutero – um monge amedrontado

Martim Lutero nasceu em 10 de novembro de 1483²⁴ na cidade de *Eisleben*²⁵, que fazia parte do Condado de Mansfeld. Sua família não conheceu a riqueza, e, em alguns momentos, passou por dificuldades financeiras. Seu pai tinha origem camponesa, porém conseguiu melhores condições financeiras com a atividade de extração de cobre nas minas em torno de Mansfeld, que se intensificava nesta região. Há poucas fontes sobre a sua vida antes de 1517, ano em que se tornou popular devido às suas 95 teses. No entanto, parece que em alguns momentos sofreu com castigos físicos fortes de seus pais, segundo o próprio disse mais tarde em sua vida e relatado no escrito *Conversações à mesa*²⁶. (LIENHARD, 1998, p. 31 e 32)

Lutero estudou em três escolas distintas. De 1488 a 1497, frequentou a escola municipal de Mansfeld. Lá, aprendeu os princípios básicos do Cristianismo, como os Dez Mandamentos, a Oração do Senhor, a Ave-Maria e o Credo. O ensino era baseado na pedagogia tradicional, que envolvia bastante memorização e castigos físicos. Por cerca de um ano, da primavera de 1497 à primavera de 1498, Lutero teve aulas na escola latina de Magdeburgo, que já tinha influência humanista. Mais importante, no entanto, foi a sua passagem em Eisenach (1498 – 1501). Lá, estudou o trívio. Os contatos com pessoas de espiritualidade franciscana e humanista impactaram a vida de Lutero e mantiveram-se por toda a vida dele. (LIENHARD, 1998, p. 32)

Lutero então entrou para a universidade em Erfurt, onde teve contato com diversas correntes filosóficas e teológicas. Naquela época, era costume o estudante começar com três anos de estudo na Faculdade de Artes, onde teve proximidade com a filosofia aristotélica, ética, metafísica e terminou o ensino do quadrívio. Durante esse tempo, conviveu com a filosofia ockhamista por meio de seus professores Bartolomeu Arnoldi de Usingen e Jôdoco Trutvetter, ainda que eles

²⁴ O ano de seu nascimento, na realidade, é impreciso e varia entre 1482 e 1484.

²⁵ No atual estado alemão de Saxônia-Anhalt.

²⁶ Anton Lauterbach e Johannes Aurifaber, amigos íntimos de Lutero, escreveram esse livro, que contém uma reunião de conversas de Lutero sobre diversos tópicos diferentes, incluindo sua infância.

atenuassem um pouco as ideias de Guilherme de Ockham²⁷, seguindo a linha de Gabriel Biel. Ao formar-se mestre em 7 de janeiro de 1505, Lutero teve a possibilidade de escolher entre três cursos superiores: medicina, teologia ou direito. Em maio de 1505, por vontade de seu pai, escolheu Direito. (LIENHARD, 1998, p. 33) É difícil dizer o quanto as ideias de Guilherme de Ockham o influenciaram; no entanto, é possível que tenha sido em uma porção considerável. O ockamismo também se fez presente em outras correntes teológicas, como o agostinismo, ordem religiosa da qual Lutero fez parte. (LIENHARD, 1998, p. 26)

São imprecisas as fontes sobre a guinada à vida religiosa de Lutero. A fonte mais confiável é um testemunho dele mesmo. Em uma de suas *Conversações à mesa*, de 16 de julho de 1539, Lutero disse que foi surpreendido por um temporal em 2 de julho de 1505, perto de Stotternheim. Aterrorizado por um raio que quase o atingira, ele teria dito: “Ajuda-me Santa Ana, que me tornarei monge”. Na sequência, ele entrou para o convento dos agostinianos da cidade. Se essa história realmente ocorreu é difícil saber. No entanto, é possível afirmar que a influência ockamista ao longo dos anos em sua educação pode ter influenciado o monge alemão para os estudos religiosos. Além disso, o rigor com o qual seus pais o trataram durante parte de sua vida pode ter fomentado uma busca ao ascetismo e à vida regrada dos monges, onde a prática do jejum era comum. Indícios para essa linha de pensamento é que o convento em que Lutero entrou era particularmente estrito e permeado pelas orientações filosóficas com as quais ele entrou em contato durante a Faculdade de Artes. (LIENHARD, 1998, p. 34 e 35)

Lutero mudou-se para Wittenberg no verão de 1511, onde concluiu seu doutoramento em Teologia. Lá, teve grande contato com o humanismo, e, em especial, ao novo fôlego que os estudos dos idiomas e da filosofia aristotélica recebiam. Em 1518 o humanista Filipe Melachton, futuro grande amigo de Lutero, chegou em Wittenberg. (LIENHARD, 1998, p. 37 e 38)

A visão de um Deus juiz, rígido e temido era comum na Idade Média. A visão de um julgador quase que sem misericórdia estava infundida na população europeia, o que pode explicar a popularidade das indulgências – o medo de desagradar Deus

²⁷ Guilherme de Ockham (1285? – 1349) “[...] insistia na distinção entre filosofia e teologia, na análise dos conceitos antes que na especulação, na soberania de Deus e na livre aceitação do ser humano, dando em tudo lugar, na perspectiva de *potentia ordinata* de Deus, ao sistema sacramental e ao esforço humano, incitado a fazer aquilo que estava em seu poder para “merecer” a atribuição da graça” (LIENHARD, 1998, p. 25)

era muito grande. Especialmente, Lutero era amedrontado pela interpretação de um Deus que rigidamente julga os humanos, em vez da ideia de um Deus Pai que ama a humanidade. Justamente por apoiar esta segunda é que ele detinha atenção especial sobre a relação ser humano-Deus. O medo de ser condenado ao inferno após a vida impulsionou-o para dedicar-se totalmente à questão. Será que seus esforços ascéticos seriam suficientes? De que modo ele poderia agradar a Deus? É difícil dizer por que a sociedade daquela época não enxergava Deus como um pai carinhoso, como é muitas vezes descrito na Bíblia. Mesmo Lutero teve dificuldades de conceber esta ideia – talvez as ações rígidas de seu pai durante seu desenvolvimento bloqueassem esse ponto de vista. Não obstante, Lutero disse em 1518:

Quantos há que ainda hoje provam dessas penas [isto é, das penas do inferno]! [...] Eu conheci uma pessoa que afirmou ter sofrido essas penas muitas vezes, é verdade que por um brevíssimo espaço de tempo, porém tão grandes e tão infernais, que nenhuma língua pode expressá-las, nenhuma pena pode descrevê-las e quem não as experimentou não pode crer. Elas eram de tal natureza que, se fossem completadas ou durassem meia hora – sim, um décimo de hora -, ela pereceria de todo, e todos os seus ossos seriam reduzidos a cinzas. Aqui Deus se mostra horivelmente irado e, com ele, também toda a criação. Então não há nenhuma fuga, nenhum consolo, nem interior nem exterior, mas [unicamente] acusação por parte de tudo. (LUTERO apud LIENHARD, 1998, p. 39)

Lutero conseguirá superar sua crise e angústia interna com sua interpretação do tema paulino da “justificação pela fé”, como será abordado mais adiante. No entanto, nota-se que a doutrina de Lutero surge como uma busca ávida por respostas – tanto dele quanto da sociedade da época.

2.2 A Reforma Luterana – surgimento e eclosão

O século XVI, dentro do contexto europeu, é muitas vezes considerado uma época de insegurança, cizânia e dissolução. Protagonista desses acontecimentos, a Igreja Católica sofreu grande impacto. A cristandade já havia diminuído bastante territorialmente nos últimos séculos: o Norte da África e partes da Ásia haviam caído para os islâmicos, e parte relevante do que restou cristão cismou-se em 1054.

(DICKENS, 1971, p. 9) Nesse sentido, vê-se que o “mundo cristão” já se encontrava fragilizado. No século XIV, outro forte golpe foi sofrido pela cristandade europeia: a Peste Negra dizimou milhões de pessoas. Estimativas indicam que até 1/3 da Europa pereceu vítima da doença. (DELUMEAU, 1994, p. 21) A redução populacional representou uma grande dificuldade. As cidades tinham grande concentração populacional, numa época em que não havia tratamento apropriado de esgoto e outras condições sanitárias adequadas. Dessa forma, houve uma fuga para o campo, prejudicando o funcionamento de escolas, centros de saúde e outras instituições similares. (CARPEAUX, 2008, p. 393)

A história da Reforma pode ser iniciada com o Sacro Império Romano-Germânico. O Império, que tinha como motivo de sua existência a substituição do Império Carolíngio, almejava unificar os povos cristãos sob um poder temporal. Com o passar do tempo, no entanto, o Império rivalizou com a Igreja Católica e o poder papal, surgindo conflitos entre indicações de bispos e cardeais, por exemplo. (KLUG, 1998, p. 18) O desentendimento sobre a extensão do poder temporal que a Igreja Católica deveria ter foi o principal catalisador da Reforma Protestante.

Deve-se então entender que esse era o contexto sucinto da Europa no final da Idade Média. Além de problemas externos, a Igreja Católica tinha que lidar com grandes divergências internas. São Francisco de Assis e a Ordem dos Frades Mendicantes são exemplos de movimentos que divergiam quanto à extensão do poder temporal que a Igreja Católica deveria ter, sem, porém, constituir movimentos cismáticos. Outro episódio de ruptura interna foi a existência de dois papas: um em Roma, cidade que tradicionalmente abriga o papa, e outro em Avignon, na França. O Papado de Avignon, como ficou conhecido, foi fruto de uma disputa entre Igreja Católica e os reis da França, que já havia indicado com sucesso 7 papas consecutivos. Entre 1378 e 1417, os dois papas dividiram a cristandade e marcaram a história da Igreja Católica. (KLUG, 1998, p. 19)

A Reforma Protestante não foi o primeiro e nem o último movimento cismático da história da Igreja Católica. Um dos primeiros, segundo Rodney Stark, surgiu em 144 d.C., ainda no chamado “Cristianismo primitivo”²⁸. Ele foi protagonizado por Marcião de Sínope, que propôs a dispensa de todos os aspectos da fé cristã que

²⁸ “Cristãos primitivos” é o nome dado às pessoas pertencentes às comunidades cristãs que viveram entre o ano 30 e 325 d.C.. Naquele tempo, a cultura cristã era principalmente oral e desprovida de grandes posses, ocorrendo no seio das comunidades através de esforços em conjunto dela.

foram herdados do judaísmo. Ele foi excomungado, porém sua igreja perdurou por trezentos anos. (STARK, 2011, p. 149)

Tradicionalmente, considera-se John Wycliffe como um dos primeiros reformadores da Igreja dentro do contexto da Reforma Protestante. Wycliffe viveu no século XIV na Inglaterra, onde foi professor de Teologia e Filosofia em Oxford. Wycliffe criticava severamente a secularizada²⁹ vida do clero de seu tempo, a falta de preparo intelectual dele e também a ganância de poder do papado. Outras críticas suas recaiam sobre a idolatria de imagens e de relíquias. Porém, sua principal reivindicação era sobre a tradução da Bíblia: o teólogo inglês acreditava que ela deveria ser escrita em língua vernácula, de modo que o povo pudesse lê-la mais facilmente. (CLAUSSEN, 2016, p.17 e 18) Em sua época, as traduções e a impressão das Bíblias estavam difundindo-se. Antes de Lutero, havia 14 traduções completas da Bíblia em alto-alemão, que se somam a outras traduções parciais, principalmente dos Salmos e das perícopes³⁰ dominicais. (LIENHARD, 1998, p. 24) No entanto, Wycliffe não conseguiu propagar seus ideais. Após muitos anos, morreu de morte natural, sem conseguir cristalizar seu movimento e reivindicar seus princípios com solidez. Porém, suas concepções de uma cristandade reformada viajaram longe: chegaram na Boêmia e, mais especificamente, em Praga, na atual República Checa. Lá, influenciaram Jan Hus, pregador popular da cidade. Porém, Hus não teve o mesmo final de vida pacífico de seu inspirador e foi queimado vivo em 1415. Após sua morte, seus seguidores, os hussitas, formaram um movimento de força política e de cunho nacionalista. As demandas dos movimentos eram: prédicas livres e bíblicas; administração da Comunhão em pão e vinho; separação entre igreja e soberania secular; combate às desigualdades sociais. Com a ruptura por parte dos hussitas, Praga, o epicentro da revolta, se tornou então a primeira região da Europa Ocidental em que a soberania do papa deixou de ser aplicada. (CLAUSSEN, 2016, p. 18 e 19) Embora possa hodiernamente parecer óbvia, a exigência da administração da Comunhão em pão e vinho causou grande furor naquele tempo. Isso é porque o vinho era de uso exclusivo do clero durante a comunhão. Sendo assim, essa reivindicação significava subordinar a autoridade pontifícia e conciliar a comunhão às Escrituras. Esse pedido se baseia na cena da

²⁹ Afastada da religião.

³⁰ Passagem da Bíblia utilizada para leitura durante culto ou sermão

Santa Comunhão, descrita várias vezes no Novo Testamento: (DICKENS, 1971, p. 12)

Enquanto estavam à mesa, tomou Jesus o pão e, tendo dado graças, partiu-o e distribuiu aos seus discípulos, dizendo: “Tomai e comei. Isto é o meu corpo. Em seguida, tomando o cálice, deu graças e o entregou, dizendo: Bebei todos dele, porque isto é o meu sangue, o sangue da Aliança que vai ser derramado por muitos, para a remissão dos pecados. (A BÍBLIA, 1976, Mateus 26: 26-28)

Uma das consequências do movimento hussita foi a fundação da Igreja dos Irmãos Morávios. Ela seguia os ensinamentos de Hus e juntou-se à Igreja Luterana em 1542, após a conciliação de suas doutrinas à fé luterana. O movimento hussita, no entanto, foi severamente atacado pela Igreja Católica, o que causou as Guerras Hussitas, gerando mortes de ambos os lados e que terminou sem um vencedor claro. (DICKENS, 1971, p. 14)

Ainda que essas sejam tradicionalmente considerados os principais movimentos pré-Lutero, não é possível afirmar que eles sejam os únicos. Mesmo na Itália, bem mais perto de Roma, havia contestação contra a Igreja Católica. Os seguidores do francês Pedro Valdo, que morrera em 1218, denominados valdenses, eram compostos por pessoas da França, Alemanha, Itália e Suíça. Perseguidos pela Santa Inquisição, abrigaram-se no norte dos Alpes italianos durante séculos e até hoje persistem comunidades valdenses lá. Em 1532, com a difusão da Reforma Protestante, juntaram-se a ela devido às demandas em comum. Os valdenses procuravam uma vida cristã mais próxima à dos chamados cristãos primitivos. Outro crítico da abundância material da Igreja Católica foi Jerônimo Savonarola, padre dominicano e pregador de Florença. O padre era muito popular e conseguiu influenciar a política da cidade. Com fama de profeta e de escolhido por Deus, Savonarola ignorou sua excomunhão, emitida pelo papa Alexandre VI. Para provar sua santidade, Savonarola foi desafiado a realizar uma ordália.³¹ Após a ordália ser repentinamente cancelada, a multidão em fúria desembestou para o local em que

³¹ Ordália era uma prova judiciária que consistia em por o acusado à prova de algum teste humanamente impossível, como beber veneno e andar sobre o fogo. Caso o indivíduo sobrevivesse à prova, sua divindade estaria provada. Mesmo criticada por papas como Onório III e Gregório IX, grande parte da população confiava no julgamento, o que demonstra que as sociedades medievais não seguiam as ordens da Igreja Católica com tanta retidão quanto se comumente pensa. (PIMENTEL *et al.*, 2018, p. 308).

Savonarola estava e prendeu-o, executando-o após sua confissão, sob tortura, de ser uma fraude. (JURADO, 2015, p. 32 e 33)

É nesse contexto de crise e ruptura que se localiza a Reforma Protestante. Vê-se que ela emergiu em meio de “transformações políticas, econômicas, sociais e culturais que agitavam a Europa e se entrelaçavam com as questões religiosas.” (KLUG, 1998, p. 18)

Pelo alto número de dissidências e de brigas relacionadas ao poder secular da Igreja Católica, nota-se que esta questão era extremamente contraditória e presente na vida daquele tempo. Os “abusos da Igreja”, como ficaram conhecidos, eram abrangentes: a má condição intelectual e moral do clero, o fato de muitos padres serem analfabetos e não saberem, por exemplo, recitar os Dez Mandamentos. (STARK, 2011, p. 221 e 223) Outros problemas, talvez mais revoltantes para a população, eram a quebra do celibato, a simonia³² e a “vista grossa” que alguns faziam para as *Frauenhäuser* (casas de prostituição). (KLUG, 1998, p. 21)

A Igreja Católica, tanto como instituição quanto por meio de alguns membros, era detentora de grandes extensões de terra e de imóveis. Dessa forma, movimentos que pregavam que a Igreja Católica deveria ter poucas posses eram visto como um problema, pois isso significaria a perda de riquezas que possuía. Por outro lado, para os diversos nobres regionais, significava uma oportunidade de aumento de sua riqueza e de seus próprios poderes. (CLAUSSEN, 2016, p. 19 e 20) Devido a esses e muitos outros problemas presentes por volta do fim da Idade Média, a unidade da cristandade europeia foi quebrada em 1517, com a publicação das 95 Teses de Lutero. Se antes era possível que uma pessoa do sul da Itália e do norte da Alemanha ao mesmo tempo se identificassem com o papado, agora não mais o era. Com o rompimento, os princípios da autoridade institucional, ligado ao catolicismo e mais presente no Sul da Europa, e da reforma religiosa, predominante no Norte do continente, se separaram. Agora, eles eram independentes. Dessa maneira, o Sul precisou reformar-se, no movimento que ficou conhecido como Contrarreforma, e o Norte, sem a tradição teológica católica, precisou criar novos modelos de autoridade e de teologias. Porém, não houve tempo nem unidade para

³² A simonia era a venda de bens e, principalmente, cargos eclesiásticos. Muitos nobres compravam cargos elevados dentro da hierarquia da Igreja Católica para seus filhos, os quais repetidas vezes não possuíam o conhecimento e obediência às regras exigidos para o cargo.

as novas teologias que surgem se solidificarem: o norte da Europa logo se tornará uma colcha de retalhos de teologias distintas e muitas vezes contrárias entre si. (DAWSON, 2014, p. 49) As novas religiões do Norte da Europa assumem diferentes formas porque emergem de diferentes contextos; é comum tratar a Reforma Protestante (ou seriam Reformas Protestantes?) como um fenômeno religioso. No entanto, deve-se sempre ter em mente as dimensões políticas, sociais e financeiras que permeavam as disputas teológicas. Os cismas de 1378 e, principalmente, de 1415, foram, de um jeito ou de outro, superados. No entanto, a estrutura que gerou estes cismas continuava igual, expondo a Igreja Católica a novas críticas e mantendo a possibilidade de novos conflitos aberta. A decadência moral de alguns membros da Igreja, o tráfico de influência e os abusos da Cúria³³ geravam insatisfação e afastamento daqueles que procuravam uma vida espiritual robusta e de acordo com os ideais dos cristãos primitivos, pois eles enxergavam um fosso entre a Igreja real e a Igreja pretendida por Cristo. (LIENHARD, 1998, p. 22)

³³ A Cúria Romana é o corpo administrativo que auxilia o Papa a exercer seu poder.

Figura 1: Sátira da vida dos monges. Xilogravura de João Sebaldo Beham, 1521.

Título: Alegoria da vida dos monges³⁴



Fonte: <http://www.zeno.org/nid/20003885364>

Não obstante, a confusão entre poder temporal e secular foi a principal causa dos problemas que iriam explodir a partir de 1517. Na Europa Setentrional, em especial na Alemanha, os bispos e outros membros da alta hierarquia da Igreja Católica eram grandes magnatas territoriais. Pela natureza de seu cargo, eles detinham o poder espiritual; pelas suas posses, possuíam o secular. Esta dupla autoridade conferia grande controle a estas pessoas, o que gerou atritos entre as diferentes esferas de poder. (DAWSON, 2014, p. 108) Um bispo inglês do século XVI confessou:

[...] a graça de Vossa Alteza Real licenciou-me para permanecer em minha igreja e nos arredores de meu curato, nisto fui tão negligente que, no intervalo de trinta anos, das quatro catedrais que sucessivamente tive, duas – Exeter e Wells – nunca as vi e, das inúmeras almas, nunca vi os corpos. (DAWSON, 2014, p. 108)

O papado, que possuía autoridade nominal e real e que dispunha de instituições de resolução de conflitos como a Cúria Romana, no entanto, não agiu para amortecer os atritos. Afinal de contas, o próprio papado estava envolvido com as suas disputas com os príncipes italianos, tanto de terras quanto de dinheiro. A

³⁴ *Allegorie auf das Mönchtum*, no idioma original (alemão).

Alemanha, menos desenvolvida politicamente do que países como França, Inglaterra e até do que a Itália, sofreu mais com a situação: “A Alemanha era uma selva política – um emaranhado de jurisdições e instituições em que tanto a Igreja quanto o Estado estavam inextricavelmente envolvidos.” (DAWSON, 2014, p. 109) Ao descontentamento das autoridades alemãs juntaram-se as disputas teológicas encabeçadas por Lutero, o que conferiu novas dimensões aos conflitos. Embora as duas situações fossem inicialmente isoladas uma da outra, elas foram responsáveis por fornecerem os meios materiais e a força espiritual para desafiar a Igreja Católica, inclusive sob risco de vida. É difícil, no entanto, precisar se Lutero e outros personagens do movimento reformador tinham consciência de estarem acendendo o pavio de um barril de pólvora grande e misto, que geraria grandes mudanças no curso da história mundial. (DAWSON, 2014, p. 110)

Mas por qual motivo um camponês, que cotidianamente preocupava-se com a possibilidade da fome e da pobreza, iria aderir a um movimento catalisado por uma ruptura teológica, sendo que muitas vezes o próprio não entendia os motivos que levaram a esta divisão? É difícil imaginar que todos os convertidos conseguissem diferenciar claramente as novas doutrinas das doutrinas tradicionais católicas, pois isso exige um grande conhecimento teológico, bíblico, histórico e filosófico. Devido a essa dificuldade para os desabastados realmente entenderem as reivindicações, muitos dos primeiros convertidos para as novas religiões pertenciam à nobreza. Como pessoas de prestígio na sociedade converteram-se, as novas fés foram mais ainda disseminadas. Mas então é possível realizar a seguinte pergunta: os movimentos reformatórios foram então protagonizados pela nobreza ou pelas pessoas comuns?

Com um primeiro olhar, percebemos que Pedro Valdo era um mercador rico de Lyon e tinha dinheiro suficiente para financiar uma tradução do Evangelho para o francês. Wycliff era um professor de Oxford, que, ainda que não participasse da nobreza, não era pobre e detinha grande conhecimento intelectual. Hus era capelão pessoal da rainha da Boemia e tinha grande prestígio entre a nobreza da região. Lutero era um proeminente professor e que era próximo de Johann von Staupitz, vigário-geral dos frades agostinianos da Alemanha. Suas doutrinas foram muito adotadas por professores, estudantes universitários mercadores e pela nobreza, que tinham interesse financeiro em posses da Igreja Católica. Zuínglio, Calvino e outros

compartilham de uma situação parecida. Transbordando os limites desse trabalho, podemos também notar que não somente eles, mas Buda, Zoroastro, taoístas, confucionistas e Moisés ou tinham prestígio social ou rapidamente o adquiriram através de seus movimentos, incorporando os abastados em suas fileiras. Mais especificamente em relação à Reforma Protestante, mesmo que não fossem ricos, os líderes de vários movimentos reformatórios tinham prestígio intelectual e dentro da nobreza local. Basta notar que eles possuem alta formação acadêmica, o que já pode ser considerado um privilégio social: (STARK, 2011, p. 89 - 91)

Com a possível exceção de alguns movimentos Anabatistas, os maiores movimentos cristãos que ocorreram ao longo dos séculos eram muito obviamente baseados em pessoas de riqueza e poder consideráveis: na nobreza, no clero e nos prósperos cidadãos. Por exemplo, os cátaros abrangiam uma proporção da nobreza muito alta e isso também ocorreu com os valdenses. A Reforma de Lutero não foi apoiada pelos pobres, mas por príncipes, mercadores, professores e estudantes universitários. (STARK, 2011, p. 89, tradução nossa)³⁵

Para achar a razão desses fatos, Stark utiliza saberes sociológicos. Os privilegiados, diferentemente dos desprovidos, possuem meios e ferramentas para fazer com que suas insatisfações sejam ouvidas por outros. Um camponês, que normalmente era analfabeto, dificilmente conseguiria fazer a sua mensagem de renovação espalhar-se e impactar muitas pessoas. Outro motivo é a busca pela realização pessoal, que todos possuem. Porém, os abastados não precisam se preocupar com as necessidades materiais; assim, podem dedicar tempo para as questões espirituais e filosóficas. O terceiro motivo apontado por Stark é que, tendo mais tempo de estudo e mais conhecimentos, os abastados se sentem superiores aos pobres e tendem a ocupar a vanguarda dos movimentos sociais. Para muitos deles, eles tem o dever de guiar as classes baixas em direção à verdade. (STARK, 2011, p. 90 e 91)

Os privilegiados podem até converter-se através de argumentos teológicos, filosóficos e por interesses econômicos. Mas, como vimos, dificilmente desabastados teriam discernimento e conhecimento suficientes para utilizar este fator como divisor

³⁵ *"With the possible exception of some Anabaptist Movements, the great Christian religious movements that urred through the centuries were very obviously based on persons of considerable wealth and power: on the nobility, the clergy, and the well-to-do urbanites. For example, the Cathars enrolled a very high proportion of nobility and so did the early Waldensians. Luther's Reformation was not supported by the poor, but by princes, merchants, professors, and university students"*

de águas na escolha de mudança de sua fé. Se prestarmos menos atenção nos novos dogmas e doutrinas e olharmos mais a geografia dos movimentos reformatórios, podemos inferir uma resposta. Mesmo com grandes diferenças teológicas e temporais entre si, a grande maioria destes diversos movimentos ao longo da história formou comunidades mais ou menos homogêneas. Essas comunidades, por sua vez, tiveram maior ou menor importância e tamanhos. Dificilmente alguém “sozinho”, ou seja, descolado de uma parcela da sociedade que compactua com a nova religião, se converterá. Stark argumenta que isso está relacionado com a natureza das religiões e com a capacidade (e até necessidade do ser humano) de criar comunidades que partilham dos mesmos princípios. Em outras palavras: mesmo que um habitante da Inglaterra medieval leia os princípios do longínquo hinduísmo, dificilmente ele irá se converter se não houver uma sociedade hinduísta em torno de si:

Pessoas tendem a se converter para um [novo] grupo religioso quando seus laços sociais a membros [da nova religião] sobrepõe-se aos laços a pessoas que talvez se opusessem à conversão, e isso frequentemente ocorre antes que um convertido saiba muito sobre o que o [novo] grupo acredita. (STARK, 2011, p. 61, tradução nossa)³⁶

Outro argumento levantado por Stark é o que ele chama de “capital religioso”. Este conceito representa o nível de adesão de um indivíduo e de uma cultura a símbolos e a costumes de uma determinada religião. Ele argumenta que quanto mais próxima e acostumada com símbolos de tal religião, mais dificilmente será para essa pessoa se desprender dela. Por exemplo, mesmo que alguém seja ateu no Brasil atual, essa pessoa estará familiarizada com diversos símbolos e ritos cristãos, como a comemoração do Natal e da Páscoa. Dessa forma, mesmo não se identificando com a fé cristã, a pessoa incorporou, ainda que involuntariamente, diversos símbolos e ritos cristãos. Sendo assim, em ordem de uma pessoa converter-se a uma religião com outros ritos e crenças, ela deverá descolar-se de parte da cultura em que ela nasceu e foi criada, o que torna o processo mais difícil. Além de tornar o afastamento da religião dominante culturalmente mais árduo, o capital religioso dificulta a conversão para religiões que não compartilham do mesmo capital

³⁶ “[...]people tend to convert to a religious group when their social ties to members outweigh their ties to outsiders who might oppose the conversion, and this often occurs before a convert knows much about what the group believes.”

religioso. A mudança de fé, no entanto, para religiões que compartilham parte do capital religioso com a antiga fé é facilitada. É por isso que houve e ainda há uma grande taxa de conversão de católicos para o luteranismo e outras religiões que surgiram através de cismas da Igreja Católica. Ainda que os dogmas sejam diferenciados, a simbologia é extremamente parecida. O trabalho é facilitado: em vez de o indivíduo precisar destruir a simbologia com a qual ele está acostumado sua vida toda, ele só precisa, parcialmente, ressignificá-la. (STARK, 2011, p. 66 e 67.)

Assim, é possível entender porque os membros de novas religiões advindas da Reforma Protestante que surgem ao longo do tempo se agrupam em comunidades, em vez de estarem uniformemente espalhadas pelas regiões cristãs. O entendimento de que as conversões religiosas possuem grande caráter social explica a criação de populações mais ou menos homogêneas religiosamente, pois as conversões em sua maioria não ocorrem por meio de interpretações filosóficas e teológicas; mas sim, devido à experiência da vida religiosa dentro do seio familiar e fraternal.

É interessante notar que em comum com os movimentos reformatórios antes de Lutero há uma romantização do voto de pobreza e uma grande inspiração na palavra da Bíblia, sem considerar muito fortemente ritos e sacramentos posteriormente desenvolvidos. No entanto, deve-se tomar cuidado em dizer que essa é o que define os movimentos reformatórios. A filosofia de vida do ascetismo percorre toda a história cristã, sem, no entanto, ser considerada reformatória. Um exemplo é o franciscanismo. Francisco de Assis viveu contemporaneamente a Pedro Valdo, sem, porém, provocar uma ruptura na autoridade da Igreja Católica. Somente o voto de pobreza não é motivo suficiente para tal. O que constitui o divisor de águas para a categorização tradicional entre movimento protestante ou não é a sua intenção reformatória, cismáticas e as críticas à organização da Igreja Católica como um todo, invés de críticas pontuais. (CLAUSSEN, 2016, p. 20)

Ainda que com algumas diferenças doutrinárias, políticas e nacionais, os movimentos pré-luteranos serviram para preparar o terreno para a Reforma de Lutero. Dessa forma, quando Lutero protagonizou a reforma, ela espalhou-se rapidamente por diversas partes da Europa, principalmente nas localidades dos movimentos que o antecederam. Um exemplo é o dos lolardos, denominação

inglesa de seguidores Wycliffe. Eles abraçaram fortemente o luteranismo e suas doutrinas, pois eram em muito parecidas com as suas próprias. No entanto, os loldados não possuíam o pilar principal da doutrina luterana: a justificação pela fé, baseada em uma passagem do livro de Romanos: "Porquanto, nele se manifesta a justiça de Deus, pela fé a para a fé, como está escrito: 'o justo viverá pela fé'" (A BÍBLIA, 1976, Romanos 1:17). Foi essa passagem que tranquilizou Lutero e que fez com que ele tivesse certeza de suas doutrinas. (DICKENS, 1971, p. 15 e 16) A interpretação de Lutero era que a justiça de Deus não é de um juiz, mas sim a aceitação do ser humano pecador por Deus. O pecador é justo porque vive através da fé que está assentada tão-só em Deus e em sua misericórdia. Lutero entende a passagem como a justiça doada por Deus ao ser humano e distinta da justiça ativa, ou seja, das obras exigidas pelo Deus juiz. Ele consegue superar a sua crise interna com esta interpretação, que pode ter sido por ele entendida por volta de 1513 – 1519. (LIENHARD, 1998, p. 41)

2.3 A pedagogia luterana

Os entendimentos sobre as contribuições de Lutero para o campo educacional variam largamente. Há quem diga que "Lutero merece, daqui em diante, ser reconhecido como o maior dos reformadores, não só religiosos, como educacionais..." (DREHER, 1984, p. 94) e também há a opinião de Erasmo de Roterdã, de 1528: "Onde quer que prevaleça o luteranismo, aí desaparece o ensino." (ROTTERDAM apud DREHER, 1984, p. 94) Essa frase demonstra a divergência que havia entre Erasmo e Lutero, que será estudada no capítulo 4.

As concepções pedagógicas desenvolvidas por Martim Lutero estão relacionadas a sua biografia e teologia. (LIENHARD, 1998, p. 43) Lutero entendia que a educação não era necessária somente para alcançar um fim proposto, mas sim que ela deveria ser um objetivo de vida em si. Como dito anteriormente, de modo geral, no final da Idade Média e no início da Idade Moderna, a educação que o indivíduo recebia dependia da posição que ocupava na sociedade e de qual posição iria ocupar no futuro. Com Lutero, no entanto, a situação era diferente. Para ele, todos os indivíduos deveriam receber uma educação cristã. Dessa maneira, as pessoas conseguiriam exercitar as virtudes cristãs mais corretamente e mais vezes.

Inclusive, olhando para o coletivo, a educação voltada para o bom exercício do Cristianismo traria bons frutos para o governo, pois produziria melhores cidadãos.

Como já visto anteriormente, a situação da educação nos tempos de Lutero era diferente da atual. Durante o começo da Idade Moderna, ela não era tão difundida e abrangente; não muitas pessoas mandavam seus filhos à escola. É possível que os distúrbios que se seguiram à Reforma Luterana, como a Guerra dos Camponeses (1524 – 1525) tenha causado prejuízos ao contexto educacional e motivado a frase supracitada de Erasmo de Roterdam. (LIENHARD, 1998, p. 205)

Com tudo isso à sua volta, Lutero escreveu, em 1524, o apelo “Aos conselhos de todas as cidades da Alemanha, para que criem e mantenham escolas cristãs”. Nele é possível identificar alguns elementos da pedagogia luterana. O primeiro deles, perceptível logo no título, é que os governantes deveriam ser responsáveis por criar e manter escolas. Outro ponto é que essas escolas deveriam ser cristãs, pois somente a doutrina cristã seria capaz de bem educar as pessoas. A não educação das pessoas era algo tão terrível que só poderia ser obra de Satã:

Meus queridos amigos, vocês veem com seus próprios olhos como o desgraçado do Satã está nos atacando de todas as maneiras, com força e estratégia, e está nos afetando com todos os tipos de pragas [...]. Dentre seus estratagemas, um de seus maiores, se não o maior de todos, é esse – ele engana e falseia as pessoas comuns para que elas não queiram manter suas crianças na escola ou transformá-las em intelectuais.³⁷ (THE AGES DIGITAL LIBRARY COLLECTIONS, 1997, p. 104, tradução nossa)

É com esse trecho que ele começa o seu escrito supracitado, que é endereçado a seus amigos, pastores e pregadores. Logo de início, então, o leitor consegue entender a importância da questão sob a ótica do escritor. Outro ponto notável é que as pessoas não enviavam seus filhos às escolas; o que, para ele, é resultado de uma obra demoníaca.

Lutero (apud GOLDMEYER, WACHS e MALSCHITZKY, 2006, p. 28) diz:

(...) incumbe às autoridades municipais por toda a sua atenção e empenho na juventude. Já que se colocaram a seu fiel cuidado os bens, a honra, a segurança e a vida de toda a cidade, não cumpririam com seu dever diante de Deus e do mundo se não procurassem dia e noite, por todos os meios, o

³⁷ *“My dear friends, you see with your own eyes how that wretch of a Satan is now attacking us in all sorts of ways, with force and guile, and is afflicting us with all kinds of plagues [...]. Among his wiles, one of the very greatest, if not the greatest of all, is this – he deludes and deceives the common people so that they are not willing to keep their children in school or bring them up as scholars”*

bem-estar e o melhoramento da cidade. A prosperidade da cidade não consiste só em acumular grandes tesouros e construir fortes muralhas e casas bonitas, fabricar muitos canhões e armaduras. De fato, quando há abundância de tudo isso e alguns loucos e insensatos apoderam-se de tudo, tanto pior será e tanto maior o prejuízo para toda cidade. Ao contrário, a maior prosperidade, segurança e força de uma cidade consiste em ter muitos cidadãos capazes, sábios, judiciosos, honrados e bem educados, os quais depois poderão acumular, conservar e utilizar devidamente tesouros e toda classe de bens. (GOLDMEYER, WACHS e MALSCHITZKY, 2006, p.28)

Vê-se então que a educação era fundamental para o bom ordenamento de uma cidade e sociedade. Caso não haja instrução para os jovens, logo a eventual prosperidade da cidade iria ruir, vítima dos iletrados e maus governantes. Parte dessa educação, sem dúvida, era voltada especialmente para o aprendizado de idiomas, principalmente os bíblicos, que estavam no meio intelectual da Europa devido, em grande parte, ao Renascimento. Através do conhecimento das línguas, aproximar-se-ia da verdade contida na Bíblia, que reflete a vontade de Deus. No entanto, em seu tempo, a educação tradicional e as pessoas não se importavam com os idiomas antigos, nos quais a Bíblia fora originalmente escrita. Comentando sobre essa questão, Lutero diz, no mesmo texto:

Artes e linguagens, as quais não apenas não são prejudiciais, mas um grande ornamento, ganho, honra e benefício, tanto para o entendimento das Escrituras quanto para a condução do governo, estas nós desprezamos; [...] Não somos nós justamente chamados [por nações vizinhas] de bestas e tolos alemães?"(THE AGES DIGITAL LIBRARY COLLECTIONS, 1997, p. 84, tradução nossa)³⁸

E deixe-nos ter certeza disso: nós não preservaremos por muito tempo o Evangelho sem as linguagens. As linguagens são a bainha em que a espada do Espírito é contida; elas são o estojo em que nós carregamos essa jóia; elas são o vaso em que guardamos este vinho; elas são a despensa em que a comida é guardada; e como o próprio Evangelho diz, elas são a cesta em que nós carregamos esses pães, peixes e fragmentos. (THE AGES DIGITAL LIBRARY COLLECTIONS, 1997, p. 85, tradução nossa)³⁹

³⁸ *"Arts and languages, which are not only not harmful, but a greater ornament, profit, honor and benefit, both for the understanding of Scripture and for the conduct of government, these we despise; [...] Are we not justly dubbed German fools and beasts?"*

³⁹ *"And let us be sure of this: we shall not long preserve the Gospel without the languages. The languages are the sheath in which this sword of the Spirit is contained; they are the casket in which we carry this jewel; they are the vessel in which we hold this wine; they are the larder in which this food is stored; and as the Gospel itself says, they are the baskets in which we bear these loaves and fishes and fragments"*

As linguagens possuem papel nuclear para Lutero, pois é através delas que conseguimos ter acesso às verdades absolutas da dimensão humana, que estão contidas dentro da Bíblia. Sendo assim, deve-se dar grande prioridade para o aprendizado delas em ordem de manter o Evangelho.

Outro elemento abordado nesse escrito é o papel dos governos e do Estado na educação. Segundo Lutero, é deles a função de organizar e manter as escolas e de agir para garantir sua qualidade, pois os governantes possuem dinheiro para tal. (DREHER, 1984, p. 96)

Vê-se, nas concepções educacionais de Lutero, uma relação íntima entre uma boa educação individual e a boa condução dos governos. A boa educação, que segue a sabedoria cristã, é fundamental e consegue responder tanto aos desafios da vida cotidiana “comum” quanto aos “grandes feitos” realizados pelos “grandes homens”.

É tentador relacionar, no aspecto de uma educação que deveria ser para todos e de que as escolas deveriam ser criadas e mantidas pelos governos, as escolas atuais com o que Lutero defendia. No entanto, alguns cuidados devem ser tomados. A atual escola laica estatal pública diverge em dois pontos principais daquelas das quais o alemão falou. O primeiro ponto é que a escola de Lutero era intrínseca e totalmente cristã; somente a moral e os ensinamentos de Cristo poderiam guiar os seres humanos, a sociedade e as cidades para o bom caminho. A segunda divergência principal era que todo cidadão deveria ser responsável por manter a escola – inclusive com a congregação cristã tendo poderes de demitir e substituir professores que não fossem do agrado da comunidade, como fica exposto em seu escrito de 1523 intitulado *O direito e poder de uma congregação ou comunidade cristã de julgar todos os ensinamentos e de chamar, indicar e demitir professores, estabelecido e provado pelas Escrituras*.⁴⁰ (GOLDMEYER, WACHS e MALSCHITZKY, 2006, p. 29)

Neste texto, Lutero coloca, de modo claro, o Evangelho e a palavra de Deus acima de tudo. Seguindo essa lógica, qualquer cargo, seja de governante, professor ou o papa, só possuem validade enquanto concordarem com o Evangelho:

⁴⁰ *The Right And Power Of A Christian Congregation Or Community To Judge All Teaching And To Call, Appoint, And Dismiss Teachers, Established And Proved From Scripture*, em inglês.

Segundamente, nesta matéria de julgar ensinamentos e de apontar ou demitir professores ou pastores, nem a menor atenção deve ser dada a qualquer decreto humano, lei, precedente, prática ou costume, seja ele decretado pelo papa ou pelo imperador, por príncipes ou bispos, tenham eles a existência de um ano ou de milhares de anos. A alma do homem é eterna e acima de tudo que é temporal; logo, ela deve ser governada e equipada com a palavra eterna sozinha. É o maior absurdo governar a consciência, a serviço de Deus, através de leis humanas e costumes longamente estabelecidos. Nós devemos guiar-nos, conseqüentemente, pelas Escrituras e pela Palavra de Deus neste assunto.⁴¹ (THE AGES DIGITAL LIBRARY COLLECTIONS, 1997, p. 56, tradução nossa)

Observa-se que Lutero equipara os cargos temporais com seculares. Ele coloca em pé de igualdade eventuais decretos de imperadores e papas e de príncipes e bispos diante da Palavra de Deus, o que reflete a sua concepção de que a Igreja Católica distanciou-se de Deus e virou apenas uma instituição como as outras.

Outra diferença é que Lutero defende que a congregação cristã tenha um tesouro comum, ou seja, dinheiro. Ele diz que antigamente o indivíduo precisava dar dinheiro e propriedades devido a indulgências, missas, vigílias, testamentos, aniversários, irmandades, peregrinações, entre outras; mas agora (em 1524), com todas essas coisas abolidas, sobraria dinheiro⁴². Assim, não iria prejudicar a situação econômica das pessoas se elas dispensassem parte da sua renda para a criação de um fundo financeiro comum entre os cristãos. Esse dinheiro reunido seria usado para criar e manter escolas, que seguiriam as diretrizes e os ensinamentos cristãos. (THE AGES DIGITAL LIBRARY COLLECTIONS, 1997, p. 79) Para detalhar melhor sobre este tesouro comum que os cristãos deveriam ter, Lutero escreve “Uma ordenança para um tesouro comum”⁴³, em 1523. Nele, ele diz que:

Do tesouro deverão ser pagas todos os custos incidentes sobre o salário dos pastores, sacristão e professores escolares, todos reparos a propriedades e o suporte dos pobres de todas as classes. Também deverá haver uma escola para crianças abaixo de 12 anos de idade, com instruções em leitura e escrita, conduzidas por uma “mulher mais velha de boa conduta”. Matrícula deve ser paga somente por acadêmicos residindo fora do distrito. O tesouro comum deve ser usado, finalmente, para

⁴¹ *“Secondly, in this matter of judging teachings and of appointing and dismissing teachers or pastors, not the least attention is to be paid to any human decree, law, precedent, usage or custom, whether it be decreed by pope or emperor, by princes or bishops, whether it have been observed by half the world or by all the world, whether it be in existence for one year or for a thousand years. The soul of man is eternal and above everything that is temporal; therefore it must be ruled and equipped with an eternal word alone. It is most absurd to rule conscience, in God’s stead, by means of human law and long established custom. We must be guided, therefore, in this matter by the Scriptures and the Word of God.”*

⁴² Em 1524, o cisma protagonizado por Lutero já havia ocorrido.

⁴³ *An ordinance to a common chest*, em inglês.

armazenar suprimentos de grãos para tempos de emergência. Em caso de a receita não ser suficiente, impostos devem ser cobrados sobre todos os habitantes. (THE AGES DIGITAL LIBRARY COLLECTIONS, 1997, p. 66, tradução nossa)⁴⁴

Com esse curto escrito, Lutero também coloca a responsabilidade da manutenção das escolas sobre a congregação cristã. Dessa forma, as pessoas “comuns” possuem três responsabilidades: de doar dinheiro para a criação e manutenção de escolas; mandar os filhos para as escolas; e apontar, demitir e fiscalizar a ação dos professores. Essa visão é bem diferente da visão atual, onde os pais encontram-se obrigados a enviar seus filhos para as escolas por força da lei, não possuem o direito de escolher professores e educadores que atuarão nas escolas e o financiamento delas é obrigatório por lei, sob pena de prisão em caso de descumprimento.

⁴⁴ *“Out of the chest shall be paid all expenses incident to the salaries of the pastors, sextons, and schoolmasters, all repairs to property, and the support of the poor of all classes. There shall be also a school for girls under twelve years of age, with instruction in reading and writing, conducted by “an elderly female of good report.” Tuition shall be paid only by scholars residing outside the district. The common chest shall be used, finally, to store up supplies of grain for times of emergency. In case the regular income does not suffice, taxes shall be laid on all inhabitants”.*

3. Erasmo de Rotterdam

3.1 O “Príncipe dos humanistas”

Erasmo de Rotterdam nasceu em Rotterdam, Holanda, em 27 de outubro de 1465⁴⁵. Filho de Geraldo Elia e de Margarida Zerembergen, foi um filósofo, teólogo, intelectual e educador, alcançando grande destaque ainda em vida. Seu pai tornou-se um sacerdote católico por volta do ano do nascimento de Erasmo, o que levantou suspeitas sobre a possível quebra do voto celibatário. Desta forma, parte da controvérsia acerca de seu ano de nascimento foi para tentar confundir possíveis suspeitas de que seu pai havia tido um filho após ter sido ordenado sacerdote. Erasmo tornou-se um sacerdote em 1492 e estudou teologia na universidade de Paris. Em 1517, obteve permissão papal para tornar-se um sacerdote secular, ou seja, viver perto dos leigos e do público em geral. Tornou-se conhecido por diversos escritos seus e também por sua tradução do Novo Testamento, a qual foi utilizada por Lutero para criticar a ortodoxia da Igreja Católica, o que associou Erasmo aos reformadores, ainda que ele tenha permanecido católico por toda sua vida. Suas críticas à Igreja e o uso de suas obras por intelectuais reformadores resultou em Erasmo sendo colocado na primeira categoria de heréticos e que todos seus trabalhos fossem proibidos, no Concílio de Trento, em 1559, 23 anos após sua morte. (CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2003, p. 15 e 16)

Aos onze anos de idade já lia perfeitamente Horácio e Terêncio. Erasmo adquiriu notoriedade ainda cedo, quando escreveu, por volta de seus vinte anos, suas obras *O Desprezo do Mundo* e *O Bem da Paz*. A partir de então viveu em vários países da Europa, como Itália, França e Inglaterra. Morreu na Basileia, na Suíça, aos setenta anos de idade, no dia 11 de julho de 1536. (ROTTERDAM, 2002, p. 1 e 2)

Erasmo é, frequentemente, definido como “o maior humanista dos humanistas”. Viveu num período de efervescência cultural na Europa, juntamente com a confirmação da existência do continente americano. Polêmico, conseguiu enveredar por um caminho que poucos alcançaram: em meio à ruptura na cristandade europeia por volta de 1517, Erasmo manteve o caminho do meio.

⁴⁵ Há fontes que digam que ele nasceu em Gouda, cidade há 20 quilômetros de Rotterdam, por volta de 1469.

Criticava fortemente algumas atitudes da Igreja Católica e de seu clero, sem, porém, compor fileira entre os reformadores. Seu escrito mais famoso é *Elogio da Loucura* (publicado primeiramente em 1509), em que se utiliza de conhecimentos dos antigos gregos e romanos para tecer críticas à Igreja Católica. Esse escrito tornou-se rapidamente muito popular, o que serviu para catalisar a Reforma Protestante. Curiosamente, esse livro é dedicado a seu grande amigo São Thomas More, autor de *A Utopia*. A obra foi escrita na casa de More, em 1509. More foi martirizado por Henrique VIII ao negar abandonar a fé católica e tornar-se anglicano, em meio ao contexto das reverberações da Reforma Protestante dentro da Inglaterra. Ambos defendem que o governo deve perseguir o Bem, definido segundo suas concepções católicas, e afastar-se da violência e da taxação desnecessária. (CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2003, p. 9)

Nesta obra, Erasmo escreve em primeira pessoa os pensamentos da Loucura. Loucura, também conhecida como Mória, em grego, é filha de Plutão. Este deus é comumente conhecido como o deus do submundo, porém ele também é o representante divino das riquezas. Da união do deus com a ninfa Neotetes, “a mais bonita e alegre ninfa do mundo” (ROTTERDAM, 2002, p. 7) surge a Loucura. Tem-se, então, que a Loucura surge da união da riqueza com a beleza e alegria. Ao narrar seu nascimento, a personagem diz que nasceu em meio às delícias nas ilhas Fortunadas. Enquanto crescia, ela tinha à sua disposição um séquito de criados, prontos para obedecer e satisfazer suas vontades: “Nascida no meio de tantas delícias, não saudei a luz com o pranto, como quase todos os homens: mal fui parida, comecei a rir gostosamente na cara de minha mãe.” (ROTTERDAM, 2002, p.7) Essas descrições podem ser interpretadas como o autor criticando a vida luxuosa, (pois a Loucura nasceu e cresceu em meio ao luxo) contexto em que parte do clero corrompido da Igreja Católica vivia.

Escrevendo a partir do ponto de vista da Loucura, Erasmo critica costumes de diversas pessoas da Igreja Católica, como pode ser visto em:

Façamos, agora, em conjunto, o exame dos seus sermões. Os nossos reverendos aprenderam, não sei dizer de quem, que a introdução do discurso deve ser feita devagar e em voz baixa. Em virtude dessa regra, falam tão baixinho no exórdio que sou capaz de apostar que nem mesmo eles ouvem o que dizem, como se se dispusessem a falar para não serem entendidos por ninguém. Além disso, ouviram dizer que, para despertar as emoções, o orador deve empregar, de vez em quando, a veemência da exclamação. E assim é que, como fiéis, mas maus observadores desse

preceito, quando todos os julgam muitos tranqüilos, eles, de repente e sem nenhuma razão, começam a gritar como verdadeiros maníacos. (ROTTERDAM, 2002, p. 51)

No entanto, diferentemente de Lutero e outras pessoas de seu tempo, Erasmo realizou críticas pontuais à Igreja Católica e não aos seus dogmas. Desta maneira, Erasmo não colidiu contra a Igreja, o que impediu que fosse considerado herético e perseguido.

3.2 A Pedagogia Erasmiana

Erasmo de Roterdam dedicou grande parte de sua vida aos estudos. A partir do conhecimento obtido, ministrou cursos por toda Europa, em vez de exercer uma profissão que cotidianamente envolvesse o campo educacional. Não obstante, escreveu algumas obras, em geral pequenos escritos, sobre a matéria, como *De ratione studii et instituendi pueros comentarii*⁴⁶, Educação de um Príncipe Cristão⁴⁷, *Colloquia*⁴⁸, *Christiani Matrimonii Institutio*⁴⁹, *Ciceronianus*⁵⁰, *Libellus novus et elegans de pueris statum ac liberaliter instutiendi*⁵¹, *De civilitate morum puerilium*⁵² *De pueris instituendis*⁵³. (NUNES, 2006, p. 176) Suas doutrinas educacionais foram retiradas de autores como Quintiliano, Plutarco e de práticas didáticas de seu tempo. No entanto, também repudiou alguns costumes. Para Erasmo, os meninos deveriam iniciar os estudos cedo, pois o homem nasce inclinado para o conhecimento. Caso em casa não haja alguém capaz de ensinar os filhos, deve-se contratar alguém capaz de realizar tal tarefa. Nas escolas “só se escutam choros, lamentos e ameaças espantosas.” (NUNES, 2006, p. 94 e 176), o que causa aversão às letras e ao estudo, que perduram até a fase adulta. Nem todos os meninos, por sua vez, tem capacidade para os estudos. Com os que a possuem, os conteúdos devem ser ministrados com cuidado, dosando corretamente e deixando a matéria atrativa.

⁴⁶ O método do estudo. (Paris, 1512) “Plano de estudos com excelentes conselhos a respeito da instrução de meninos dos 10 aos 15 anos, escrito principalmente na intenção de jovens que pretendessem se consagrar aos estudos humanísticos.” (NUNES, 2006, p. 93 e 176)

⁴⁷ *Instituto Principis Christiani*, 1516. Tratado sobre como os príncipes deveriam ser educados. Esta obra será analisada neste trabalho nas próximas páginas.

⁴⁸ Colóquios, 1523. (NUNES, 2006, p. 176)

⁴⁹ O Matrimônio Cristão, 1526. (NUNES, 2006, p. 176)

⁵⁰ O Ciceroniano, 1528. (NUNES, 2006, p. 176)

⁵¹ Da educação precoce e liberal das crianças. Basiléia, 1529. (NUNES, 2006, p. 176)

⁵² Tratado de civilidade. Friburgo, 1530. (NUNES, 2006, p. 176)

⁵³ Tratado sobre a educação das crianças entre três e seis anos. (NUNES, 2006, p. 93)

Aprendizado de idiomas, leitura de fábulas e de apólogos estão dentre os conteúdos a serem aprendidos, que devem ser ensinados por mestres que possuam boa formação intelectual, moral e cultural. (NUNES, 2006, p. 94),

O Elogio da Loucura, ainda que seja o escrito erasmiano mais famoso, não possui foco principal na educação. No entanto, o autor faz algumas inferências, como destaca Ruy Afonso da Costa Nunes:

Erasmus, no *Elogio da Loucura*, com a sua vasta experiência de letrado e de mestre através da Europa, alude aos **Professores de Gramática**, salientando a miséria e a falta de asseio [...] e diz que nas suas escolas, antes galés ou lugar de torturas, [...] eles se comprazem sadicamente, com ar feroz e aos gritos, em aterrorizar as crianças com varas, palmatórias e correias. No entanto, julgam-se felizes, convencidos da excelência do seu ensino, ao inculcarem às crianças os seus delírios, enquanto desprezam sobranceiramente os gramáticos dotados de verdadeiro mérito”. (NUNES, 2006, p. 151)

De ratione studii et instituendi pueros comentarii, traduzido como “O Método de Estudo”, “Plano de Estudos” ou “Método para estudar”, foi um livro escrito por Erasmo entre 1511 e 1512 e dedicado a Pierre Viterius, professor das artes liberais em Paris. O professor estava interessado em um guia para que pudesse melhor ensinar seus alunos. O resultado foi este pequeno esboço de um currículo modelo, que reflete muito sobre as concepções educacionais de Erasmo de Roterdam. (PINTO, 2009, p. 1 e 2)

Um aspecto que salta aos olhos e que é marca de Erasmo e do período Humanista é a grande defesa dos autores Antigos. Para o autor, os avanços intelectuais dos pagãos fazem parte de um plano divino. A Providência divina deu aos não-cristãos a possibilidade de se desenvolverem utilizando a razão, fornecendo subsídios para que a religião e a civilização cristã fossem ajudadas pelo conhecimento já previamente adquirido. A partir de então, a sabedoria pagã é incorporada ao conhecimento cristão, resultando na defesa sólida do cultivo das boas letras. (PINTO, 2009, p. 2)

A retórica, conhecida como a “arte de falar”, recebe atenção especial de Erasmo. Um tratado de retórica da Antiguidade, de nome *Rhetorica Ad Herennium*, elencava cinco capacidades que um orador deveria ter: a *inventio*, que era a capacidade de “descobrir as coisas verdadeiras ou verossímeis que tornem a causa provável”; a segunda, a *dispositio*, era a capacidade de “ordenar e distribuir essas coisas: mostra o que deve ser colocado em cada lugar”. A terceira era a *elocutio*,

que trata “da acomodação de palavras e sentenças adequadas à invenção”. Em seguida vinha a *memoria*, “a firme apreensão, no ânimo, das coisas, das palavras e da disposição”. A última era a *pronuntiatio*, que tratava da “voz, semblante e gesto”. Destas cinco, Erasmo recomendava o estudo especial de duas: a *inventio* e a *elocutio*. A *inventio*, que era seu objetivo maior, leva o aluno a melhorar sua capacidade de invenção, desvencilhando-se de manias e sentidos comuns e descobrindo as palavras mais adequadas ao discurso. Percebe-se preocupação do autor em relação ao uso apropriado das palavras, que reflete a importância dada por ele ao ensino da gramática latina e grega, que se confunde com o contexto humanista de inspiração em saberes antigos. Para Erasmo, o aprendizado de ambos idiomas deveria ocorrer simultaneamente e durante os anos iniciais da vida estudantil, pois os maiores conhecimentos estavam neste idioma. O próprio Erasmo, ainda que tenha aprendido o grego apenas com 38 anos, investiu grande esforço na tarefa de tradução de obras e textos, com destaque principal para a tradução do Novo Testamento, que foi também utilizada por Lutero. (PINTO, 2009, p. 2 – 6) Não apenas Erasmo via grande valor no aprendizado de idiomas antigos. Leonardo Bruni, chanceler de Florença, animou-se com a chegada de Emanuel Chrysoloras, que viera de Bizâncio, pois agora o contato com a cultura helênica, de onde provinha grande parte do conhecimento, intensificar-se-ia:

Eis que tu podes ver Homero, Platão, Demóstenes e outros poetas, filósofos e oradores [...], vê-los e também falar com eles, impregnar-te de sua admirável ciência; e tu a deixarás passar? Depois de quase setecentos anos, ninguém na Itália ainda conhece as letras gregas das quais se reconhece que procede toda a ciência [...] Chrysoloras, ele é o único doutor em letras gregas. Se ele se for, tu não encontrarás nenhum outro para que te as ensine. (BRUNI, apud PINTO, 2009, p. 7)

Somente através do bom entendimento dos idiomas grego e latino que seria possível adquirir o conhecimento que os antigos sábios descobriram e criaram. Erasmo defendeu em vários momentos o trabalho de Lorenzo Valla, que utilizou de conhecimentos linguísticos para invalidar a dita *Doação de Constantino*, como é evidenciado no trecho a seguir:

Então, para que possamos colher mais cedo os frutos mais copiosos dos autores nos quais afirmo ser necessário buscar a riqueza da língua, eu gostaria que lêssemos com aplicação Lorenzo Valla, que sobre a elegância da língua latina escreveu da maneira mais elegante. [...] Entretanto, eu não

desejaria que sejamos em tudo submissos aos preceitos gramaticais de Valla. Seremos ajudados além do mais se aprendermos de cor as figuras gramaticais ensinadas por Donato e Diomedes; se tivermos na memória todas as leis e as formas de versos; se conhecermos bem o essencial da retórica, isto é, as proposições, os argumentos, os ornamentos, as amplificações e as fórmulas de transição. Porque tudo isso é útil não apenas para julgar, mas também para imitar. (Chomarat, 1991, 231, apud PINTO, 2009, p. 7)

Após o aprendizado dos idiomas, o aluno deveria possuir conhecimento da realidade, onde os diversos sentimentos, emoções e personalidades interagem. Para tal, é recomendada a leitura de expoentes da cultura clássica, que serviria tanto como escola moral universalmente humana, quanto como fonte de conhecimento histórico do mundo antigo, além de fornecer um leque grande de expressões, termos, ideias e de palavras. Dentre os muitos autores, Erasmo recomenda os que ele julga que melhor combinam eloquência com estilo (necessário para tornar o conhecimento interessante). Entre os gregos, ele cita, em ordem; Luciano, Demóstenes e Heródoto e, em relação aos poetas, ele fala, em ordem, de Aristófanes, Homero e Eurípedes. Sobre os latinos, o primeiro é Terêncio, seguido por Virgílio, Horácio, Cícero e César. É notável a preferência pelos poetas e a diferença entre os autores supracitados e os que ele utiliza em seus outros escritos, como o *Elogio da Loucura*. Outro traço interessante é a falta de autores cristãos. Essa constante preterição pelos autores pagãos em relação aos cristãos gerou descontentamento por parte de segmentos da cristandade, sendo alvo de ataques de teólogos de Louvain e da Sorbonne, além de participantes da Assembleia de Valladolid, reunidos para condenar as heresias dos textos erasmianos. Estes autores serão também adotados por outros manuais de estudo de sua época, como o escrito por Juan Luis Vives (1493 – 1540). (PINTO, 2009, p. 9 e 10)

Os próximos passos seriam o aprendizado da vocalização e da pronúncia corretas das palavras gregas e latinas e, após isso, o aluno deveria compreender a matéria de seu discurso, isto é, a compreensão das coisas em si. Este passo deveria ser o mais importante no estudo. (PINTO, 2009, p. 11 e 12)

Não que Erasmo pensasse que a memorização fosse inútil; no entanto, ele criticava o foco principal ser nesta faculdade, enquanto que as outras não recebiam atenção suficiente de algumas pessoas. A memória, na concepção erasmiana, funciona como um suporte para o conhecimento, e não como um meio para atingi-lo.

Após a devida compreensão do significado das palavras, dos termos e das frases, a memória deve entrar em cena para que o leitor lembre daquilo que ele aprendeu. No entanto, se ele não aprendeu nada antes, a memória não será de grande ajuda, pois será vazia de significado. (PINTO, 2009, p. 16)

O *De Ratione Studii* é, como o próprio Erasmo disse, um ensaio escrito às pressas. Ele possui tamanho diminuto e evidencia rapidamente algumas concepções educacionais e caminhos para a educação que ele julgava ser a melhor. De modo geral, ele representa o espírito humanista que emergiu na Europa com o passar dos séculos e uma ruptura com os métodos de ensino prévios. Paradoxalmente, parte deste método incentiva justamente a fuga de formas de ensino estanques e estimula a criatividade e a inventividade dos alunos, liberando as potencialidades naturais dos indivíduos. (PINTO, 2009, p. 18) Este Plano de Estudos ia de encontro ao que se ensinava nas escolas medievais. O objetivo de Erasmo era renovar os estudos e a interpretação das Sagradas Escrituras, que eram interpretadas com base no rigor da lógica racional aristotélica. Desta forma, teologia, educação e filosofia conjugariam-se para formar o ser humano de seu tempo. (NASCIMENTO, 2015, p. 8)

Um escrito mais robusto e detalhado é o “A Educação de Um Príncipe Cristão”⁵⁴. Como referência neste trabalho, será utilizada a tradução em inglês, produzida por Neil M. Cheshire e Michael J. Heath e publicada primeiramente em 1997 (e novamente em 2002 e 2003) e editada pela Cambridge University Press.

O livro *A Educação de um Príncipe Cristão* foi publicado em Basel, na Suíça, em maio de 1516 e dedicado ao então príncipe Carlos, que acabara de ascender ao trono de Aragão. Erasmo tinha sido apontado para o conselho de Carlos alguns meses antes, uma posição de extremo prestígio. Carlos logo se tornaria um dos homens mais poderosos de seu tempo, sendo simultaneamente, desde 1516, Rei da Espanha (Carlos I) e, desde 1519, imperador do Sacro Império Romano-Germânico (Carlos V). Seus domínios cobriam mais de quatro milhões de quilômetros quadrados pela Europa, Oriente e Américas. Carlos teve papel de destaque ao lutar contra a Reforma Protestante, sendo um dos defensores da chamada Contrarreforma. (CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2003, p. 17)

⁵⁴ *The Education of a Christian Prince*, em inglês. A escolha desta obra em específico para análise direta neste trabalho deu-se devido a sua importância política e pela possibilidade de acesso a traduções.

Esta obra reflete, mais uma vez, grande influência do humanismo. Ao longo de todo o texto, o autor utiliza exemplos do “mundo pagão”, ou seja, da antiga Roma e Grécia. Praticamente em igual proporção, o autor também utiliza exemplos cristãos. A questão principal deste texto é como certificar-se que os nascidos para governar sejam educados de modo a governarem justa e benevolentemente, para que o governo do príncipe não se degenere em opressão. Erasmo não se preocupa somente com o que ocorre dentro das unidades políticas, mas também defende uma paz universal; no entanto, admite a possível necessidade de declarar guerras, desde que seja para garantir a segurança e o bem comunal. Outra característica de seu pensamento é a defesa da liberdade individual. (CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2003, p.8 e 9)

Ainda na dedicatória do livro, Erasmo cita autores como Aristóteles, Xenofonte, Platão, Salomão, David e o livro bíblico de Provérbios, dando uma ótima amostra dos ideais humanistas: a síntese entre autores “pagãos” antigos e conhecimentos bíblicos. Esta característica está presente em toda a obra, o que revela grande conhecimento histórico de Erasmo. Uma das primeiras lições que Erasmo escreve é sobre a manutenção da paz. Carlos deve “agradecer aos Céus” que seu império veio através de herança e não por meio de guerras e morticínio – ao contrário do que ocorreu com Alexandre, o Grande, cujo império esfacelou-se após sua morte. O objetivo dos reis e de seus amigos e servos deveria, segundo Erasmo, ser o bem comum. (CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2003, p. 33)

Erasmo, como também Lutero, entende que a educação ajuda a exercer um bom governo: “[...] a mente do futuro príncipe deverá ser preenchida rapidamente, desde o berço (como eles dizem), com pensamentos saudáveis enquanto ainda está aberta e em desenvolvimento”⁵⁵ (CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2003, p. 34, tradução nossa). Sendo assim, a educação ocupa lugar fundamental não apenas no desenvolvimento pessoal e individual de cada um, mas também possui destaque dentro da vida coletiva, devendo ser pautada desde o início na vida do futuro governante.

Esta não é apenas uma questão de bem conduzir um país, mas também de legitimidade do próprio soberano. Nos lugares em que o príncipe não é escolhido por

⁵⁵ “[...] *the mind of the future prince will have to be filled straight away, from the very cradle (as they say), with healthy thoughts while it is still open and undeveloped.*”

meio de votação⁵⁶, a sua legitimidade depende quase que exclusivamente de sua capacidade de bem atender às demandas dos governados. Assim, a educação dos futuros príncipes é, também, uma questão de sobrevivência do regime governamental e dos próprios governantes, já que havia casos em que a má administração causava a morte dos soberanos, seja por revoltas internas ou por guerras. (CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2003, p. 34)

A importância da boa educação reflete-se na responsabilidade do educador e dos pais de fornecerem uma boa educação. Dessa maneira, esforços não devem ser medidos para garantir bons ensinamentos ao futuro príncipe. A tarefa de lecionar deve ser recompensada; não apenas com um salário justo, mas também com honras e glórias:

O costume nos dias idos era de erigir estátuas, arcos e placas para aqueles que serviram o Estado bem. Mas ninguém é mais merecedor de tais honras como aqueles que trabalharam dura e conscientemente na tarefa de apropriadamente educar o príncipe e que prestaram atenção no que iria beneficiar o país em vez de beneficiar a si mesmo.

Um país deve tudo a um bom príncipe; mas o príncipe deve àquele cujo bom conselho transformou ele no que ele é. (CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2003, p. 35, tradução nossa)⁵⁷

Porém, caso o educador não consiga cumprir sua função e desvirtue o futuro príncipe, sua punição é proporcional à glória que ele teria caso tivesse sucedido: “Considerando que alguém que deprecia o sistema monetário do príncipe é punido com a morte, que tipo de punição deve ser aplicada a quem corrompe a mente dele?”⁵⁸. (CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2003, p. 40, tradução nossa) Percebe-se que a posição de educador do príncipe é absolutamente importante e deve estar no topo das preocupações de seus responsáveis.

No início da educação do infante, Erasmo recomenda o uso de histórias da Idade Antiga para ensinar valiosas lições. As fábulas de Esopo, a história de Fáeton, do ciclope Polifemo e outras, contêm ensinamentos que servem para demonstrar à criança lições morais sobre o dever de um governante para com os cidadãos.

⁵⁶ Na época de Erasmo, o costume geral era que os novos governantes fossem escolhidos por meio de mecanismos de hereditariedade.

⁵⁷ *“The custom in the old days was to set up statues, arches, and plaques for those who had served the state well. But none are more worthy of such honours than those who have worked hard and conscientiously at the task of properly educating the prince and have paid attention to what would benefit their country rather than to their own personal profit. A country owes everything to a good prince; but it owes the prince himself to the one whose right counsel has made him what he is.”*

⁵⁸ *“Given that anyone who debases the prince’s coinage is punished with death, how much more deserving of that punishment is someone who corrupts his mind?”*

Possíveis adaptações devem ser feitas às histórias, de modo a torná-las mais interessantes e adequadas à idade do aluno. Mas, o mais importante, e que deve ser feito antes de qualquer outra coisa, é introduzir o estudante aos ensinamentos de Cristo. Cabe ao preceptor a tarefa de extrair as lições de Cristo para ensinar da melhor forma possível à criança. O jovem príncipe deve ser convencido, então, de que as lições cristãs aplicam-se sobretudo a ele. (CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2003, p. 42).

Em um dos mais simbólicos trechos humanistas, Erasmo baseia-se em Platão. Platão defendia que os filósofos é que deveriam governar, pois eles tinham o intelecto e a capacidade de fazer boas escolhas. Erasmo, então, reafirma essa ideia; porém, a readequa ao Cristianismo: “Ser um filósofo é, na prática, a mesma coisa que ser um cristão; apenas a terminologia é diferente” (CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2003, p. 44). Há uma adequação: antes o filósofo representava o máximo de sapiência; agora, é o cristão.

As analogias com o cristianismo não param por aí. Erasmo diz que o que difere um “rei de verdade” de um “ator” é o fato de o rei de verdade ser como um pai para o Estado. Da mesma maneira que Deus é o pai da humanidade, o rei deve ser o pai do Estado. Esta é a diferença de um príncipe cristão para um pagão. Este governa para si mesmo; aquele governa para as pessoas e o Estado. (CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2003, p. 46).

Os reinados são comumente associados ao poder absoluto e à hereditariedade. Cerca de um século após o lançamento desse livro, Luís XIV da França, o “Rei Sol”, será símbolo do absolutismo. No entanto, Erasmo afirma que “uma linhagem [real] não garante uma [boa] mente, como faz com um reino⁵⁹” (CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2003, p. 33, tradução nossa). Essa passagem é importante, pois revela que, mesmo tendo o direito hereditário, o príncipe necessita de uma boa e cristã educação. Caso não a tenha e conviva com pessoas que sejam más influências para ele, de nada importa a linhagem: “Se enquanto meninos eles não fizeram nada a não ser agir como tiranos, o que (eu pergunto-lhe) eles farão quando forem adultos a não ser tiranias?”⁶⁰ (CAMBRIDGE UNIVERSITY

⁵⁹ “[...] and a good lineage does not guarantee a mind as it does a kingdom [...]” (CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2003, p. 37)

⁶⁰ “If as boys they did nothing but play as tyrants, what (I ask you) are they to work at as adults except tyranny?” (CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2003, p. 38)

PRESS, 2003, p. 34) O foco principal de Erasmo de Rotterdam, neste escrito, é justamente combater as tiranias; e o melhor modo, para ele, de fazer isso, é fornecendo uma boa educação cristã aos futuros soberanos, que devem então ganhar sua legitimidade a partir da sua aceitação por parte dos governados. (CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2003, p. 34)

Uma boa educação cristã, neste sentido, pode ser entendida com o cultivo das diversas virtudes cristãs e do afastamento dos vícios e dos pecados. Sabedoria, respeito aos mais velhos, humildade e bondade estão entre as qualidades que devem ser encorajadas. Pecados como avareza, inveja, orgulho e ódio devem ser combatidos.

Erasmo era crítico de certos costumes de seu tempo. Ele criticou a idolatria literária de Cícero, considerado o autor símbolo da excelência na língua latina. Erasmo escreveu o livro *Ciceronianus*, onde tripudia e ridiculariza a ideia de que as pessoas devem copiar servilmente as obras de Cícero. Se o romano possuía diversas qualidades literárias, isso não significava que ele deveria ser servilmente imitado, uma vez que isto apenas “[...] constrangeria os jovens ao arremedo fanático e simiesco do grande escritor latino”. (NUNES, 2006, P. 77) A centralidade de referência a Cícero empobrecia a atividade literária e a criatividade dos renascentistas, pois outros escritores que usaram o idioma latino eram deixados de lado. Esse posicionamento revela parte do pensamento de Erasmo e do próprio Humanismo: os sábios antigos devem ser usados como “matéria-prima intelectual” e não como modelo a ser copiado. (NUNES, 2006, p. 77) O escritor holandês também recomenda a educação de meninas e realça o papel da mãe na primeira educação que a criança receberá. (NUNES, 2006, p. 176)

4. Erasmo x Lutero: o embate que sedimentou o mundo

Erasmo e Lutero: personagens harmônicos e antagônicos. A concordância das críticas a setores da Igreja Católica não bastou para que ambos fossem aliados. Isso reflete, além da pluralidade de opiniões que havia na época, a profundidade da questão. No tema religioso, a principal querela entre ambos foi acerca da existência ou não do livre-arbítrio. Em setembro de 1524, Erasmo publica *De Libero Arbitrio*; em resposta à publicação, Lutero lança em dezembro de 1525 *De Servo Arbitrio*.

Erasmo entende “livre-arbítrio” como “um poder da vontade humana no qual um homem pode aplicar-se às coisas que o levam à salvação eterna, ou o afasta dela.”⁶¹. Ele inicia seu texto deixando claro que nunca “jurou aliança”⁶² às palavras de Lutero. Este comentário fomenta reflexões da real motivação do autor de escrever este texto. Seria ele produto de inquietação intelectual do autor sobre o que fora afirmado por Lutero, ou uma maneira encontrada para afastar os boatos de apoio à Reforma Luterana? Difícil dizer; talvez seja um pouco dos dois. Erasmo, ainda que criticasse a Igreja Católica, temia os resultados de uma ruptura abrupta e possivelmente violenta. (CUNHA, 2014, p. 54) O escritor segue, criticando pessoas que “estão tão incontrolavelmente afeiçoadas a suas opiniões que não suportam qualquer coisa que divirja dela”⁶³. Esta reclamação e o cuidado que Erasmo demonstra em todo o escrito demonstram seu repúdio e receio em ser mal interpretado: atitude que transparece o perigoso terreno que está pisando – interpretações dogmáticas que destoam da visão oficial da Igreja são sempre ingredientes de excomunhões e heresias. Para resguardar-se, Erasmo também se submete às autoridades das Escrituras e da Igreja, mesmo se ele compreende os ensinamentos delas ou não. (THE LIBRARY OF CHRISTIAN CLASSICS, 1969, p. 1 e 2)

⁶¹ “By free choice in this place we mean a power of the human will by which a man can apply himself to the things which lead to eternal salvation, or turn away from them.” (THE LIBRARY OF CHRISTIAN CLASSICS, 1969, p. 6)

⁶² “[...] sworn allegiance [...]” (THE LIBRARY OF CHRISTIAN CLASSICS, 1969, p. 1)

⁶³ “[...] people [...] who are so uncontrollably attached to their own opinion that they cannot bear anything which dissents from it [...]” (THE LIBRARY OF CHRISTIAN CLASSICS, 1969, p. 2, tradução nossa)

Erasmus admite que não entende a questão do livre-arbítrio em sua totalidade; no entanto, está seguro de que ele existe. O autor mesmo diz: “ajo como um debatedor, não um juiz; um inquiridor e não um dogmatista”⁶⁴.

Há, segundo o escritor holandês, coisas que Deus quis que a humanidade tivesse dificuldade de entender e coisas impossíveis para ela compreender, como o Dia do Julgamento. Entrando no assunto de fato, o primeiro argumento usado por Erasmo é sobre as consequências dos ensinamentos de Lutero acerca do servo-arbítrio. Pois, se não há livre-arbítrio e todas as decisões são tomadas por “pura necessidade”⁶⁵ e não é possível, devido à natureza da humanidade, desviar-se de ações pecaminosas, “que tipo de abertura para a impiedade de inúmeros mortais seria aberta pela opinião pública” (tradução nossa)⁶⁶. Sendo contrário ao livre-arbítrio, não há porque um pecador corrigir o seu comportamento. O segundo argumento é, de certa forma, histórico: além de Lutero, apenas Maniqueu (216 – 274), fundador do Maniqueísmo, e John Wycliff discordam do livre-arbítrio. Todos os outros especialistas, teólogos e intelectuais, diz Erasmo, apoiaram esta doutrina, o que torna a posição de Lutero dificilmente verossímil. (THE LIBRARY OF CHRISTIAN CLASSICS, 1969, p. 2 - 4)

O primeiro trecho da Bíblia citado por Erasmo para defender a sua posição é do livro de Eclesiástico capítulo 15, versos de 14 a 17:

No princípio Deus criou o homem, e o entregou ao seu próprio juízo; deu-lhe ainda os mandamentos e os preceitos. Se quiseres guardar os mandamentos, e praticar sempre fielmente o que é agradável a Deus, eles te guardarão. Ele pôs diante de ti a água e o fogo: estende a mão para aquilo que desejares. (A BÍBLIA, 1976, Eclesiástico 15: 14 – 17)

A sua interpretação é que o homem nasce com uma razão dada por Deus e possui a capacidade de discernimento entre o bem e o mal, devendo escolher entre os dois. Esta passagem e interpretação são centrais para o argumento a favor do livre-arbítrio.

Outro argumento desenvolvido por Erasmo é que, caso os humanos não possam escolher entre ações boas e más, não faz sentido Deus puni-los por suas escolhas: “Se a vontade [humana] não foi livre, pecados não poderiam ser

⁶⁴ “[...] I play the debater, not the judge; the inquirer, not the dogmatist [...]” (THE LIBRARY OF CHRISTIAN CLASSICS, 1969, p. 2, tradução nossa)

⁶⁵ “[...] *sheer necessity* [...]” (THE LIBRARY OF CHRISTIAN CLASSICS, 1969, p. 3, tradução nossa)

⁶⁶ “*what a window to impiety would the public avowal of such an opinion open to countless mortals!*” (THE LIBRARY OF CHRISTIAN CLASSICS, 1969, p. 3)

imputados [aos humanos] [...]”.⁶⁷ Desta maneira, toda a narrativa descrita na Bíblia não faria sentido, desde o Pecado Original, cometido por Adão e Eva, até a existência atual do Inferno, uma vez que ambos os acontecimentos remetem-se a punições por ações humanas. A possibilidade de a Bíblia estar errada é, para Erasmo, claramente falsa e deve ser descartada rapidamente. (THE LIBRARY OF CHRISTIAN CLASSICS, 1969, p. 7) Estes são os principais argumentos de Erasmo a favor do livre-arbítrio. Em resposta a eles, Lutero publicou o escrito “Sobre o servo-arbítrio”.⁶⁸

Curiosamente, Lutero, mesmo que discordando diametralmente de Erasmo, inicia seu texto admitindo “[...] você [Erasmo] é muito superior a mim em poderes de eloquência e de gênio nativo”.⁶⁹ Porém, o elogio não dura por mais de um parágrafo e, no segundo, o monge alemão diz que o ensaio de Erasmo era tão pobre e insignificante que ele ficou com pena do holandês por macular seu estilo engenhoso e elegante com tal lixo que era tratado como se fosse carregado em vaso de ouro e prata. (THE LIBRARY OF CHRISTIAN CLASSICS, 1969, p. 10) Este tipo de comentário ácido é comum na escrita de Lutero, como pode ser observado em outros trechos transcritos previamente. Ele também utiliza de ironia ao agradecer Erasmo por suas palavras a favor do livre-arbítrio, que tornaram Lutero ainda mais confiante de sua própria posição. Finalizando a introdução, o alemão continua alfinetando Erasmo e diz que este deve perdoar a falta de eloquência daquele, da mesma maneira que a ignorância de Erasmo sobre a questão foi perdoada por Lutero.

O teólogo luterano questiona o fato de Erasmo submeter voluntariamente seus sentimentos à Igreja e às Escrituras, ainda que não os compreenda na totalidade: “O que você está dizendo, Erasmo? Não é suficiente submeter seus sentimentos pessoais às Escrituras? Você também os submete aos decretos da Igreja? O que ela pode decretar que não esteja já decretado nas Escrituras?”⁷⁰ Esta passagem evidencia o pensamento de Lutero sobre a Igreja Católica, que foi um dos

⁶⁷ “If the will had not been free, sin could not have been imputed [...]”(THE LIBRARY OF CHRISTIAN CLASSICS, 1969, p. 7, tradução nossa)

⁶⁸ *On the Bondage of the Will*, em inglês.

⁶⁹ “[...]you are far superior to me in powers of eloquence and native genius [...]”(THE LIBRARY OF CHRISTIAN CLASSICS, 1969, p. 10, tradução nossa)

⁷⁰ “What are you saying, Erasmus? Is it not enough to have submitted your personal feelings to the Scriptures? Do you submit them to the decrees of the Church as well? What can she decree that is not decreed in the Scriptures?” (THE LIBRARY OF CHRISTIAN CLASSICS, 1969, p. 12, tradução nossa)

principais pontos de ruptura com ela: que a instituição deveria apenas reforçar o que está contido na Bíblia, sem transbordar a mensagem do livro. Outro ponto criticado é a falta de compreensão, assinalada pelo próprio holandês no início de seu texto. Sobre ela, Lutero diz:

Você submete-se sem importar-se se você compreende eles [os ensinamentos]? Anátema⁷¹ seja o cristão que não tem certeza e não compreende o que for prescrito para ele! Como ele pode acreditar em algo que ele não compreende? Com “compreender” você deve intencionalmente dizer “apreender com certeza” e não “duvidar como um cético”⁷² (THE LIBRARY OF CHRISTIAN CLASSICS, 1969, p. 12, tradução nossa)

Lutero critica o argumento erasmiano de que o mundo iria tornar-se ruim caso o livre-arbítrio não exista e os homens não possam corrigir suas condutas. Para o alemão, isto é o mesmo que admitir que não importa o que seja acreditado, conquanto a paz do mundo seja mantida. Além disso, este pensamento equipara os dogmas cristãos a mundanas opiniões filosóficas e humanas, o que é um erro, uma vez que os dogmas cristãos são diretamente advindos de Deus. Além disso, se é verdade que por vezes a cura é pior do que a doença, como Erasmo afirma para condenar a violência das críticas de Lutero à Igreja Católica, isto não se aplica ao caso, uma vez que carregar e sustentar a perversidade de ir contra a Palavra de Deus é muito pior do que qualquer revolta, guerra ou cismas. (THE LIBRARY OF CHRISTIAN CLASSICS, 1969, p. 12 e 21)

E o alemão segue: é necessário separar Deus e as Escrituras da mesma maneira que diferenciamos entre o Criador e a Criatura. Erasmo incorre no erro de confundir os dois primeiros ao dizer que há coisas na Bíblia que não são inteligíveis para os seres humanos. Tudo que há na Bíblia é compreensível para o intelecto humano e que eventuais dúvidas sobre seu conteúdo é devido à ignorância de vocabulário ou gramática. O mistério sagrado foi revelado e por isso sabemos que Cristo, filho de Deus, encarnou, que Deus é três em um e que Cristo sofreu por nós e reina eternamente. Afinal, não é porque uma fonte pública não é vista por quem está numa rua estreita que quem está na praça não a vê. (THE LIBRARY OF CHRISTIAN CLASSICS, 1969, p. 13) Para defender sua posição de que toda a

⁷¹ Punição mais rígida do Cristianismo.

⁷² *“Do you submit yourself without caring at all whether you grasp them? Anathema be the Christian who is not certain and does not grasp what is prescribed for him! How can he believe what he does not grasp? For by “grasp” you must mean here to ‘apprehend with certainty’ and not to ‘doubt like a Skeptic’”*

Bíblia é compreensível, Lutero cita diversos versículos dos livros de Lucas, Marcos, Romanos, II Timóteo e II Coríntios, além do seguinte:

E se ainda o nosso Evangelho permanece velado, está velado para os que se perdem, para os incrédulos, de quem o deus deste mundo obcecou o entendimento, a fim de que não vejam o esplendor do Evangelho, da glória de Cristo, que é a imagem de Deus. (A BÍBLIA, 1976, II Coríntios, 4: 3 – 4)

O que é ininteligível, não são as Escrituras, mas sim Deus em si. Não é possível para os homens compreendê-lo. Por isso que, no início deste argumento, Lutero certificou-se de separar Deus e as Escrituras. É através do Espírito Santo que tanto as partes quanto o todo da Bíblia são entendidos. (THE LIBRARY OF CHRISTIAN CLASSICS, 1969, p. 14).

Outro argumento de Lutero é que Deus já sabe tudo que ocorrerá e que nada é capaz de desviar-se de sua Vontade, pois ela é superior à vontade humana. Sendo assim, não há como existir livre-arbítrio de verdade. Pois todas as coisas que existem devem sua existência por necessidade de cumprimento do plano divino e não por vontade própria individual humana. Segundo Isaías 46:10 "Revelei, desde o início, o futuro, há tempos, antes que se cump'risse" Digo: 'Meu desígnio é imutável, executarei o que Me agrada'" (A BÍBLIA, 1976, Isaías 46:10) Sobre a passagem, Lutero diz: "Que estudante não sabe o significado dos termos "plano", "vontade" "se realizará", "executarei"?"⁷³ Até mesmo os pagãos conheciam o poder do Destino, como pode ser visto em Virgílio e em histórias como a da fundação do Império Romano, da Guerra de Tróia e do mito das três parcas⁷⁴. (THE LIBRARY OF CHRISTIAN CLASSICS, 1969, p. 17).

No tocante à educação, Lutero colocava grande responsabilidade sobre os pais. A tarefa de educar também era deles, o que pode ser visto no prefácio de seu Catecismo Menor: "Aqui também debes insistir particularmente com as autoridades e os pais, para que governem bem e levem os filhos à escola, mostrando-lhes por que é sua obrigação fazê-lo e que pecado maldito cometem se não o fazem."⁷⁵ (LUTERO apud DREHER, 1984, p. 95)

⁷³ "What schoolboy does not know the meaning of these terms 'counsel,' 'will,' 'shall be done,' 'shall stand'?" (THE LIBRARY OF CHRISTIAN CLASSICS, 1969, p. 17, tradução nossa).

⁷⁴ Divindades das mitologias grega e romana que teciam e controlavam o destino dos humanos.

⁷⁵ *Especially should you here urge magistrates and parents to rule well and to send their children to school, showing them why it is their duty to do this, and what a damnable sin they are committing if they do not do it.*

As Escrituras, que contêm a palavra divina, servem para ensinar aos homens o que e como educar. O amor que os pais sentem pelos filhos garante uma educação melhor do que qualquer livro comum poderia ser capaz de alcançar. (DREHER, 1984, p. 95 e 96) Ao mesmo tempo, o Estado também deve atuar para garantir a educação, pois “educação é uma atividade deste mundo”⁷⁶. (LUTERO apud DREHER, 1984, p. 95)

Em Lutero, três partes compõem a esfera educacional: a Bíblia e a teologia atuam na área ética: através do Evangelho, é tarefa da igreja lembrar e pressionar para que a educação aos jovens seja dada, pois o ser humano, pecador, esquece-se dessa missão; (DREHER, 1984, p. 97) o Estado tem o dever de organizar e criar escolas cristãs; e os pais devem enviar, proporcionar viabilidade e possibilidade para que os filhos possam comparecer à escola e possam seguir a sua vocação.

Erasmus é herdeiro de uma tradição intelectual que remonta à Antiguidade. Por sua vez, grande parte de suas recomendações ao estudo são baseadas nestes conhecimentos, numa tentativa de resgatar e aumentar a influência desta tradição. Lutero, diferentemente, insatisfeito com a situação religiosa e social da Europa, possui os conhecimentos da Grécia e Roma Antiga como referência sem, porém, utilizá-los como ferramenta transformadora. Embora ambos tenham entrado para a História como querelantes e adversários intelectuais e até religiosos, os dois possuem muitas semelhanças. Tanto o holandês quanto o alemão possuem uma cosmovisão centrada na religião cristã, aparte de suas diferenças teológicas. Eles, diferentemente de contemporâneos como Maquiavel, percebem que as conquistas terrenas não são nada comparadas à saúde da alma. Dessa forma, todas as dimensões da vida humana são colocadas abaixo das necessidades do espírito, o que torna seus pensamentos parecidos. A educação é um bom exemplo disso. Erasmus é influenciado em quantidades virtualmente iguais entre fontes pagãs e cristãs; Lutero baseia-se quase sempre em autores cristãos. No entanto, mesmo com pontos de partida ligeiramente diferentes, ambos chegam ao mesmo destino, que é considerar a educação como fundamental na vida de qualquer pessoa, seja ela um príncipe ou um camponês. Atentar contra a educação é o mesmo que atentar contra Deus, uma vez que somente através do aprendizado dos Mandamentos e de outros ordenamentos divinos é que será possível ser verdadeiramente obediente a

⁷⁶ *“Erziehung ist ein weltlich Ding”*

Deus. "Quem não está comigo está contra mim; e quem não recolhe comigo, espalha" (A BÍBLIA, 1976, Mateus 12:30) é o lema de ambos.

Erasmus de Rotterdam direciona seus dois guias educacionais aqui analisados para um príncipe real e o outro para um professor da Universidade de Paris; Lutero, aos pais, príncipes, congregações cristãs e aos pastores. Devido a essa diferença, os escritos luteranos são mais didáticos, pois ensinam passo-a-passo como vivenciar a vida cristã mesmo na falta de recursos materiais. Seu Catecismo Menor é uma amostra perfeita disto, pois nele Lutero explica, frase por frase, o significado e como é possível honrar os Dez Mandamentos, o Credo Apostólico, a Oração do Senhor e diversos Sacramentos. A primeira frase de cada explicação dessas é: "Como o chefe da família deve ensinar de um jeito simples para sua família."⁷⁷

A despeito do esforço de Lutero no campo da educação, muitas pessoas e mesmo membros do clero não tinham uma formação religiosa suficiente. Isso demonstra que o quadro geral era complexo, pois Lutero, mesmo gozando de proteção e prestígio entre alguns setores sociais abastados de sua época e escrevendo diversos textos sobre a questão, não conseguiu reverter a situação. (STARK, 2011, p. 224) Em 1529, ele escreveu:

Querido Deus, ajude-nos... o homem comum, especialmente nas vilas, não sabe absolutamente nada sobre a doutrina cristã; e também muitos pastores são inadequados e incompetentes para lecionar. E mesmo assim todos são chamados de cristãos, são batizados e apreciam os sacramentos sagrados – ainda que eles não possam recitar nem a Oração do Senhor, o Credo ou os Mandamentos. Eles vivem como animais. (LUTERO apud STARK, 2011, p. 232, tradução nossa)⁷⁸

Existem muito mais similaridades do que diferenças entre Lutero e Erasmo, mesmo que eles sejam comumente colocados como opostos. E de fato possuíam grandes divergências no campo teológico, que resultavam em visões diferentes do Cristianismo. No entanto, a educação por ambos proposta é semelhante em muitos pontos. Um deles é sobre o papel dos pais na educação, ainda que Lutero tenha discorrido sobre a importância deles mais vezes. Erasmo, em Educação de um Príncipe Cristão, não apenas recomenda que os pais participem e incentivem os

⁷⁷ "As the head of the family should teach it in a simple way to his household." (tradução nossa)

⁷⁸ "Dear God help us.... The common man, especially in the villages, knows absolutely nothing about Christian doctrine; and indeed many pastors are in effect unfit and incompetent to teach. Yet they all are called Christians, are baptized, and enjoy the holy sacraments—even though they cannot recite either the Lord's Prayer, the Creed or the Commandments. They live just like animals."

filhos a estudarem, mas também compara o papel do príncipe, perante a sociedade, com o do pai, em relação aos filhos:

A mesma diferença que há entre um príncipe e um tirano existe entre um pai benevolente e um mestre cruel. O primeiro está disposto a dar até mesmo a sua vida pelos filhos; o último não pensa em nada mais além de seu próprio ganho, ou conduz sua vida como melhor lhe aprouver sem sequer considerar o bem-estar de seu povo. (CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2003, p. 54, tradução nossa)⁷⁹

E que também “o que mais é um reino senão uma grande família, e o que é um rei senão o pai de muitas pessoas?” (CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2003, p. 63, tradução nossa)⁸⁰

Lutero destaca o papel dos pais em diversas vezes, como em seu Catecismo Menor, que é dedicado aos pais. Outra ocasião é em sua interpretação sobre os Dez Mandamentos. Para ele, o quarto mandamento, “Honrar pai e mãe”, servia de elo entre os três primeiros – sobre a relação entre ser humano e Deus – e os 6 seguintes, que versam sobre atitudes entre a sociedade terrena. Isto é porque a autoridade de mãe e pai emana e é subordinada à de Deus Pai. É através do quarto mandamento que os outros poderão ser cumpridos eficientemente. Por sua vez, os pais devem agir de modo conivente com sua missão. O ensino a crianças e jovens não deve ser sinônimo de violência e temor; mas sim feito de acordo com a idade delas, brincando e divertindo-as, além de agir com bondade. (SCHWAMBACH, 2017, p. 173 – 175) Os dois intelectuais também criticam a educação de seu tempo e entendem que o conteúdo deve ser ministrado para os infantes de forma didática e lúdica, para não causar desmotivação no aprendizado.

A similaridade em diversos campos do pensamento de ambos, mesmo emergindo de contextos ligeiramente diferentes, deve-se ao fato de a Europa já estar “unificada” em seu tempo. Não uma unificação política, mas sim intelectual, fruto de um mesmo pensamento homogêneo que predominava na época – o Renascentismo e o Humanismo. Deste modo, é fundamental entender estes dois

⁷⁹ *“There is the same difference between a prince and a tyrant as there is between a benevolent father and a cruel master. The former is willing to give even his life for his children; the latter thinks of nothing else than his own gain, or conducts his life to suit himself without considering the welfare of his people.”*

⁸⁰ *“[...] for what else is a kingdom but a large Family, and what is a king but the father of very many people?”*

movimentos para entender a Europa daquele tempo e também as suas influências nos dias atuais.

As diferenças no pensamento entre ambos não foram inférteis; pelo contrário, elas geraram diferenças entre a cristandade europeia, pois: “[...] a religião é a força dinâmica, o elemento básico e a inspiração de toda a atividade humana mais elevada, e que, portanto, a cultura de uma época baseava-se na religião, e não vice-versa”. (DAWSON, 2014, p. 29) Sendo assim, entende-se a importância da matéria. Dawson continua:

Os mundos católico e protestante estão separados por séculos de guerra e poder político, e o resultado é não partilharem mais uma experiência social comum. Cada um possui a própria versão da história, a própria herança social, bem como as próprias crenças religiosas e padrões de ortodoxia. (DAWSON, 2014, p. 29)

Também é possível, pela magnitude dos dois autores, dizer que eles, ao mesmo tempo em que foram influenciados pela época, influenciaram os anos e séculos que estavam por vir. O luteranismo é presente até hoje e, por exemplo, teve papel importante na formação da nação alemã, no século XIX. Erasmo de Roterdam, por outro lado, teve papel importante na sedimentação e na modificação da vida espiritual de seu tempo, que terá reflexos, entre outros, no movimento de Contrarreforma da Igreja Católica. As críticas de Lutero sobre a devassidão e a má formação do clero teve como consequência, além de outras coisas, a rígida disciplina moral calvinista e preparou o terreno para o puritanismo inglês, que terá grande influência nos Estados Unidos. Pelo fato de a Itália ser, ao mesmo tempo, pátria do Renascimento e centro da cultura católica, o catolicismo adornou-se ricamente com arte, música e arquitetura e incorporou uma cultura de peregrinações, festivais e espetáculos teatrais sacros; por outro lado, nas regiões onde os ensinamentos de Lutero tiveram maior preponderância, destacou-se a vida religiosa austera do laborioso artesão e do comerciante, sem adornos – tanto físicos quanto artísticos.

Apesar de aparentemente pequenas, o antagonismo entre Erasmo e Lutero era grande. Principalmente a partir da disputa sobre livre-arbítrio, ambos se distanciam cada vez mais até que, em 1529, Erasmo diz: “Onde quer que prevaleça o luteranismo, aí desaparece o ensino.” (ROTTERDAM apud DREHER, 1984, p. 94) Essa frase também pode ter sido motivada por razões políticas, uma vez que a

suspeita de Erasmo apoiar Lutero era grande. De todo jeito, ela não é totalmente verdadeira, uma vez que o ensino era deficitário também em regiões católicas. Entretanto, ela serve para ilustrar o antagonismo presente entre os dois personagens históricos, que também simboliza rivalidades políticas, religiosas e sociais entre as sociedades católicas e luteranas.

Considerações finais

Erasmus de Roterdã e Lutero: duas grandes mentes que até hoje são lembradas por suas genialidades. Embora o primeiro seja mais conhecido por seu escrito literário *Elogio da Loucura* e o segundo por seu trabalho teológico, ambos realizaram importantes contribuições para o campo educacional, as quais são ferramentas para melhor entender o passado. Que eles tenham dispendido tempo escrevendo sobre educação serve como ponto de partida para tentar deduzir algumas conclusões. O tema estava, com certeza, no topo das prioridades dos dois autores, visto que escreveram não somente uma obra sobre ele. Temporalmente próximos, mas fisicamente (relativamente) distantes, Erasmo e Lutero tiraram conclusões semelhantes. Ambos entendiam que o modelo educacional vigente tradicional não era o mais apropriado e, tampouco, deveria ser repetido. Seus espíritos inquietos buscaram a solução na mesma fonte: esta mesma que parira diversos outros saberes e intelectuais, inclusive, ironicamente, os que eles estavam buscando aprimorar: a Escolástica. O fato de os dois, a partir de localidades e biografias distintas, repousarem sobre fontes Antigas demonstra que não somente eles estavam mergulhados nelas; mas sim a Europa como um todo.

As influências prévias de reproduzir saberes das aparentemente longínquas Grécia e Roma Antigas ofereceram terreno fértil para que as ideias de ambos germinassem. Não foi necessário construir monumentos em homenagem aos antigos mestres, mas somente pintá-los. A nova pintura era, de fato, nova, porque não era mais estritamente medieval, com a anterior era. As concepções educacionais de ambos eram voltadas para uma nova realidade, onde a imprensa e os Estados Nacionais surgiam e se intensificavam. No entanto, outras características se mantinham: o forte teor cristão dos dois escritores é uma delas, mesmo que Erasmo e Lutero divergissem teologicamente.

Talvez seja possível dizer que Lutero pensou em um modelo mais “completo”, isto é, discutindo papéis de diversos agentes da sociedade, como pais, governantes e a congregação cristã de modo geral e, inclusive, tratando do tema financeiro. Esta diferença entre eles é, no entanto, menos por questão de capacidade do que de oportunidade, uma vez que Erasmo estava mais preocupado com questões individuais do que gerais. Esta assimetria pode ser entendida através da biografia de

ambos. Erasmo, membro da alta intelectualidade europeia, propôs soluções para outros membros da classe, entre eles, Carlos V; Lutero, símbolo involuntário de uma “nova sociedade” que emergia a partir de uma ruptura (pelo menos inicialmente) teológica, discorreu sobre os problemas que a “nova sociedade” enfrentava. Curioso é que, porém, alguns obstáculos da sociedade luterana não eram tão diferentes da sociedade católica, visto que a solução para ambos foi buscada na mesma origem. No tempo de Erasmo e Lutero, a religião já sofrera diversas críticas, das mais diferentes origens. Uma delas foi a de Tomás de Kempis que, através da *devotio moderna*, centrou a religião no indivíduo. Esta mudança de foco foi incorporada pelos dois autores, que entendiam que a vida religiosa ocorria também fora das igrejas, mosteiros e conventos. Assim, é necessário entender que eles sofreram influências por viverem em determinado espaço e tempo e, ao mesmo tempo, influenciaram os que vieram depois deles. Caso não houvesse as condições, tanto materiais – de divulgação das teses de ambos – quanto intelectuais – de vários movimentos de críticas à Igreja – possivelmente Erasmo e Lutero não teriam o protagonismo que eles adquiriram ao longo dos séculos. Desta forma, o Humanismo e o Renascimento desempenham papel importante, uma vez que forneceram uma nova interpretação da realidade humana, que inspirou os trabalhos dos dois intelectuais. Deve-se tomar cuidado, no entanto, de não focar apenas nas divergências teológicas entre os dois personagens, mas sim, também, de notar o ambiente cultural em que os dois viveram. As diferenças políticas, sociais e econômicas foram fundamentais para que diferentes conclusões fossem traçadas sobre o mesmo objeto em comum: o Cristianismo.

Uma das maiores semelhanças observáveis nos textos de ambos autores é o papel central que os pais e, principalmente, o pai possui na educação. Erasmo compara inúmeras vezes o papel paterno na família com a paternidade divina em relação a toda a humanidade, afirmando que um pai deve agir da mesma forma amorosa que Deus (o Pai divino) age com a humanidade. Lutero realiza algo parecido ao destacar a responsabilidade que os pais tem com a educação dos filhos, existindo o dever de manda-los para a escola. A centralidade da família é importante para a sociedade do século XVI, pois é nela que se praticam a religião, a educação e o modo cristão de se viver.

Entre concordâncias, antagonismos e rupturas, Erasmo de Roterdã e Martinho Lutero foram personagens importantes para a Europa do século XVI, que preparava-se para a Idade Moderna. Eles, no entanto, transbordaram os limites do espaço e tempo e foram e ainda são referências sobre diversos assuntos, inclusive alguns dos quais eles não escreveram nada ou quase nada. Um exemplo é o uso político da figura de Lutero para a conclusão da unificação alemã. Na busca de símbolos da nova nação que emergia, alguns o consideraram o primeiro alemão; já Erasmo é símbolo da intelectualidade humanista e *O Elogio da Loucura* ainda hoje é lido para melhor entender os fatos ocorridos; não obstante, os dois, à sua maneira, entraram para a História.

Referências bibliográficas

A BÍBLIA. Português. **A Bíblia Sagrada**: antigo e novo testamento. Tradução por Pe. Antônio Charbel e Pe. Joaquim Salvador. Abril S.A. Cultural. São Paulo, 1976.

ADLER, Mortimer. Como Ler Livros. Editora É Realizações. 2ª Impressão.

AQUINO, R. *et. al.* **História das Sociedades**: Das Sociedades Modernas às Sociedades Atuais. 37ª edição. Editora Record. Rio de Janeiro, 1999.

CARPEAUX, Otto Maria. História da literatura ocidental. 3. ed. Volume I. Brasília, DF: Senado Federal, 2010. Disponível em:
https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/528992/000826279_Historia_Literatura_Ocidental_vol.I.pdf?sequence=1. Acesso em: 10/04/2019

CLAUSSEN, Johann Hinrich. **Reformation**: die 95 wichtigsten Fragen. C.H. Beck. Munique, 2016

CUNHA, Samuel. Erasmo, Lutero e o Livre-arbitrio. DISCERNINDO – Revista Teológica Discente da Metodista. V. 2, n. 2, p. 53 – 66, jan. dez. 2014.

DAWSON, Christopher. **A Divisão da Cristandade**: Da Reforma Protestante à Era do Iluminismo. É Realizações Editora. São Paulo, 2014.

DEFREYN, Vanderlei. **A tradição escolar luterana**: sobre Lutero, educação e a história das escolas luteranas até a Guerra dos Trinta Anos. Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia. Editora da ULBRA. São Leopoldo, RS, 2005.

DELUMEAU, Jean. A Civilização do Renascimento. Editorial Estampa. Lisboa, 1994.

DICKENS, A. G. (Arthur Geoffrey). A reforma e a Europa do século XVI. Lisboa: Verbo, 1971. 237p

DREHER, Martin N. Reflexões em torno de Lutero. Editora Sinodal. São Leopoldo, RS, 1984.

GOLDMEYER, Marguit; WACHS, Manfredo C.; MALSCHITZKY, Gustavo.
Luteranismo e Educação: Reflexões. Editora Sinodal. São Leopoldo, 2006.

JURADO, Roberto García. **República o democracia: la Florencia de Maquiavelo Y Savonarola.** *Estudios* 114, vol. XIII, outono de 2015. Disponível em:
<https://biblioteca.itam.mx/estudios/114/000265162.pdf>. Acesso em: 30/06/2019

KLUG, João. Lutero e a reforma religiosa. São Paulo: FTD, 1998. 47 p.

LIENHARD, Marc. **Martim Lutero:** Tempo, Vida e Mensagem. Editora Sinodal. São Leopoldo, 1998.

NASCIMENTO, Sidnei Francisco do. Filosofia da Educação no contexto de Erasmo de Rotterdam e Rousseau. *Cadernos de Pesquisa*, São Luís, v. 22, n. Especial, set./dez/ 2015.

NUNES, Rui Afonso da Costa. História da Educação na Idade Média. 2006.
 Disponível em: [http://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/sine-data%2C Costa Nunes. da. Ruy Afonso%2C Historia Da Educacao Na Idade Media%2C PT.pdf](http://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/sine-data%2C%20Costa%20Nunes.%20da.%20Ruy%20Afonso%20Historia%20Da%20Educacao%20Na%20Idade%20Media%20PT.pdf). Acesso em: 22/06/2019

PIMENTEL, Alexandre Freire, *et al.* História do Processo. Ribeirão Preto, São Paulo. Editora Exegese. Agosto de 2018. Disponível em:
https://books.google.com.br/books?id=azKUDwAAQBAJ&pg=PA310&lpg=PA310&dq=Papa+alexandre+III+ord%C3%A1lia&source=bl&ots=EdKpS_5zgN&sig=ACfU3U3K9wDaVM4OdPzTjnObeXTVSwxuMQ&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwjs4PDIuPPjAhVhIbkGHZneA7AQ6AEwEXoECAgQAQ#v=onepage&q&f=false Acesso em: 05/07/2019

PINTO, Fabrina Magalhães. O *De Ratione Studii* (ou *Plano de estudos*), de Erasmo de Rotterdam. Letras Clássicas 13. Universidade Federal Fluminense (UFF). 2009, Rio de Janeiro.

ROTTERDAM, Erasmo. Elogio da Loucura. Tradução de Paulo M. Oliveira. eBooks Brasil. 2002. Disponível em:
https://www.cairu.br/biblioteca/arquivos/Filosofia/Elogio_Loucura_Hume.pdf. Acesso em: 15/06/2019

ROTTERDAM, Erasmo. *The Education of a Christian Prince. Cambridge texts in the history of political thought*. Editado por Lisa Jardine. Cambridge University Press. 2003

SCHAFF, Adam. História e Verdade. Editora Martins Fontes. São Paulo, 1995.

SCHWAMBACH, Claus. Reforma e Educação: anais do 1º Simpósio Internacional de Lutero. Igreja sempre em reforma – 2017: 500 anos da Reforma. São Bento do Sul, 2017.

THE LIBRARY OF CHRISTIAN CLASSICS. **Luther and Erasmus: Free Will and Salvation**. Tradução de E. Gordon Rupp. Westminster: John Knox Press, 1969. Disponível em:
<http://www.sjsu.edu/people/james.lindahl/courses/Hum1B/s3/Erasmus-and-Luther-on-Free-Will-and-Salvation.pdf>. Acesso em: 19/09/2019

THE AGES DIGITAL LIBRARY COLLECTIONS. Works of Martin Luther, Volume 4. AGES SOFTWARE. Albany, OR USA, 1997. Disponível em:
http://media.sabda.org/alkitab-8/LIBRARY/LUT_WRK4.PDF. Acesso em: 14/06/2019